

**ANDRÉA ITSUKO ASANO**



1290000167



FE

TCC/UNICAMP As13i

**O IMAGINÁRIO NA EDUCAÇÃO INFANTIL .**  
**Estudo Sobre uma Pré - escola de Cultura Japonesa.**

**CAMPINAS, JUNHO DE 1998.**

**UNICAMP BIBLIOTECA**

**ANDRÉA ITSUKO ASANO**

**O IMAGINÁRIO NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

**Estudo Sobre uma Pré - escola de Cultura Japonesa.**

Trabalho de conclusão de Curso  
Apresentado como exigência parcial  
para o curso de Pedagogia da  
Faculdade de Educação, UNICAMP,  
sob orientação da Profa. Dra. Ana  
Lúcia Goulart de Faria.

**Campinas, SP**

**1998**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA  
DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UNICAMP

As13i

Asano, Andréa Itsuko.

Imaginário na educação infantil : um estudo sobre uma pré - escola de cultura japonesa / Andréa Itsuko Asano. - Campinas, SP : [s.n.], 1998.

Orientador : Ana Lúcia Goulart de Faria.

Trabalho de conclusão de curso - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Cultura japonesa\*. 2. Pré - Escola. 3. Criança pequena\*. 3. Imaginário. 4. Brincadeira. I. Faria, Ana Lúcia Goulart de. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

UNIDADE	PE
Nº CHAMADA:	ICC/UNICAMP
	FD 13i
V:	
TOMBO:	167
PROC:	124/03
C:	D: X
PRECO:	R\$ 11,00
DATA:	23/11/03
Nº CPD:	Bib 23 0688

**FOLHA DE APROVAÇÃO**

---

**Profa. Dra. Ana Lúcia Goulart de Faria**  
**Campinas, \_\_\_\_/\_\_\_\_/1998.**

---

**Profa. Dra. Zeila de Brito Fabri Demartini**  
**Campinas, \_\_\_\_/\_\_\_\_/1998.**

*Dedico esse trabalho aos meus pais Hakusei, Kazue e aos irmãos Francisca e André, que sempre foram amigos e sábios nos momentos difíceis.*

*Como também aos meus tios, primos e principalmente a minha avó Kazuko Kosaka.*

*E ao meu amado Nilson e amigos de trabalho e da faculdade....*

## AGRADECIMENTOS:

Ana Lúcia Goulart Faria, uma mestra e sábia que me orientou e ajudou na realização desse trabalho.

Zeila de Brito Fabri Demartini, pela sua contribuição como segunda leitora e pesquisadora da cultura japonesa.

Tizuko Kishimoto pelo incentivo e disponibilidade para discussões e reflexões.

As amigas(os) que conviveram comigo os 4 anos e compartilharam os momentos de tristeza, sofrimento e alegria.

A todos os professores(as), funcionários(as), enfim, a toda equipe da Faculdade de Educação como de outras unidades da UNICAMP, pelas informações, orientações, aprendizagem e ajuda nos momentos difíceis.

Aos professores(as), diretores(as), funcionários(as), crianças das instituições em que realizei o meu estágio.

Àquelas pessoas que me ensinaram a ser otimista, corajosa...etc e deram força através de palavras e olhares; verdadeiros mestres.

Muito grata!

想像

SŌZŌ

*Sōzō em japonês significa imaginação.*

*Essa palavra é formada por estes dois ideogramas: SŌ que significa*

*pensar*

*ZŌ que significa*

*elefante.*

*Portanto, a palavra imaginação em japonês foi formada pelos ideogramas pensar do homem e memória do elefante.*

## SUMÁRIO

1-Introdução.....	p 08.
2- Um espaço permitido para novas idéias.....	p 18.
3- Imaginário onde estás? .....	p 31.
4 Obá! Vamos fazer logo a lição para brincar lá fora! .....	p 47.
5- A hora do lanche que momento é esse?.....	p 52.
6- Parquinho ,um espaço esquecido pelos adultos.....	p 61.
7- Origami? O que vamos fazer...? Já sei um avião, um homem, não um caranguejo!.....	p 73.
8- Sensei Sayonara!.....	p 77.
9- Fim de uma jornada um novo olhar para uma próxima aventura.....	p 80.
10-Bibliografia.....	p 88.

## 1- INTRODUÇÃO

O interesse em estudar o imaginário da criança pequena surgiu quando lecionava numa pré - escola de cultura japonesa.

A convivência com essas crianças me fizeram lembrar de alguns momentos da minha infância. Um dos momentos lembrados foi quando o diretor colocou uma fita isolante na minha boca.

Esse fato, foi talvez um dos motivos que me levou a problematizar o imaginário das crianças. Então, eu achei importante descrever a história para mostrar o porquê do meu interesse em estudar o imaginário.

A história foi escrita na terceira pessoa. A menina da história refere-se a mim.

Era uma vez uma menina que toda manhã ia para a escola de perua escolar. Ela adorava ir conversando e contando histórias aos seus colegas. Isso era muito divertido.

Na escola, brincava imitando a Mulher Maravilha , Ísis e outras heroínas. Gostava de conduzir e liderar os colegas. Isso lhe fazia sentir mais responsável.

Na festa de final de ano, ela sempre representava os personagens principais das peças de teatro. Uma delas, com atuação de destaque, foi o papel de "professora dos peixes" na peça "A Escola dos Peixinhos"<sup>8</sup>. Ir para a escola era um momento prazeroso e gostoso, porque tinha a liberdade para criar e viver na imaginação. Tudo se transformava naquilo que queria em qualquer lugar ou em qualquer tempo. Sentia - se livre para brincar.

---

<sup>8</sup> A peça de teatro a " Escola dos Peixes" foi inspirada numa música infantil, que é muito cantada na pré-escola japonesa.

Mas, um dia, indo para a escola, tanto conversou na perua, que o diretor da escola ( que era também o motorista) ficou irritado com as suas histórias , não se sabia ao certo o motivo, mas ele ficou muito bravo.

No mesmo dia, na hora do recreio, lá estava ela entre os colegas conversando. Quando, de repente, o diretor veio para a sua direção com uma fita isolante preta. Ele aproximou -se dela e lhe disse: Como você falou muito na perua sem parar e não me obedeceu, vou colar esta fita em sua boca! Ela tentou argumentar, mas ele ficou mais bravo e "poft" na boca. Lá estava ela em frente aos seus colegas com uma fita preta na boca. Todos riram e caçoaram dela.

Depois disso, tudo escureceu para ela e o prazer pela escola sumiu e se perdeu naquele momento.

O dia seguinte para ela era frio e quieto,

deixou de liderar os seus colegas,

deixou de ser a heroína,

deixou de contar histórias,

deixou de imaginar,

deixou de ter amigos

deixou de ter sentido.

Alguns anos depois, esse mesmo diretor, quis homenageá-la ,mas para ela isso não significou nada, continuava tudo no escuro.

Os anos foram se passando, cursou o ensino fundamental e o ensino médio (magistério), mas ainda havia um medo pela escola, era um mundo que não se podia desobedecer, retrucar, fazer bagunça. Quem não seguia as normas era levado para a diretoria. Evitava diretores, porque lhe causava medo e pavor, e assim foi convivendo na escola muito tímida e insegura.

Mais tarde conheceu bons professores que a ajudaram recuperar a segurança e confiança em si, aí ela deixou de ter medo,

deixou de se vigiar,

passou a contar história,

passou a ter a liberdade,

passou a confiar nos professores e

diretores...

passou a gostar da escola, do ensino e

da educação.

O prazer pelo ensino lhe encorajou para continuar os estudos. E hoje, já quase formada, no curso de pedagogia, ela leciona numa pré-escola de cultura japonesa.

A sua maior paixão é observar as brincadeiras das crianças e ver as manifestações do imaginário. Por isso, ela tem procurado ensinar as suas crianças através de muitas brincadeiras que têm lhe dado bons resultados.

Esse fascínio pelo tema brincar e pela manifestação do imaginário, a fez estudar, ler bibliografia sobre o tema e pesquisar a sua prática.

A definição desse tema de pesquisa não surgiu de repente, ela foi fruto dos estudos realizados durante a elaboração do projeto de pesquisa para a disciplina EP-540 (Metodologia de Pesquisa em Ciência da Educação), que tratou da criatividade e do brincar.

As leituras realizadas sobre a criatividade, forneceram dados importantes para refletir quanto ao conceito e as suas definições. Mas, as leituras ainda não me eram satisfatórias, porque os textos além de não tratarem sobre o imaginário, eram estudos de aspecto mais psicológico do que pedagógico.

Portanto, precisava de outros parâmetros para definir o objeto de pesquisa e elaborar o meu projeto.

Foi durante as discussões com a orientadora, que acabei conhecendo melhor o imaginário e decidi escolher esse tema para o meu projeto com o intuito de estudá-lo melhor, já que muitas questões foram levantadas, tais como:

- O que é o imaginário?
- Como se manifesta o imaginário?
- O brincar permite sempre a manifestação do imaginário, ou é o imaginário que faz o brincar?
- Há lugar e momento, espaço e tempo para se trabalhar o imaginário com as crianças pequenas que frequentam instituições de Educação Infantil?
- Como se manifesta o imaginário da criança pequena nikkei<sup>2</sup> que frequenta uma pré - escola privada de cultura japonesa da Grande São Paulo?
- O processo ensino - aprendizagem promovido por grande parte das(os) professoras(es) de educação infantil, favorece ou impede as manifestações do imaginário das crianças pequenas em instituições educacionais?
- As manifestações do imaginário ocorrem em vários espaços da escola: sala de aula, parquinho, em eventos promovidos pela escola, tais como, gincana, festival de dança, excursões?
- O jogo pode ou não surgir da imaginação?

---

<sup>2</sup> Nikkei são descendentes japoneses que vivem fora do país de origem. Portanto, os japoneses que moram no Brasil são chamados de nikkeis brasileiros.

Para procurar algumas respostas sobre as questões levantadas, fui em busca de bibliografia e qual foi a minha surpresa! encontrei poucos estudos sobre o imaginário e a educação infantil, assim como sobre a educação infantil japonesa.

Sendo assim, destacarei aquelas que tiveram uma aproximação maior com o meu foco de estudo.

Escrito por Held, **O Imaginário no Poder** (1980), trata da manifestação do imaginário na literatura e nos brinquedos enfocando quanto é importante o emergir do imaginário para o desenvolvimento cognitivo do sujeito criança.

No livro de Walter Benjamin, **A criança, o brinquedo, a educação** (1984) que é uma coletânea escrita nos anos 20, o autor, no capítulo "Programa de um teatro infantil proletário" relata que *A encenação é a grande pausa criativa no trabalho de educação. Ela representa no meio das crianças aquilo que o carnaval representava nos antigos cultos. (p.88 )*

Essa frase me interessou, porque mostra a importância do ato de encenar como expressão da infância.

Elvira Cristina de A. S. Lima em seu artigo "A atividade da criança na idade pré-escolar" publicada na revista *Idéias da Secretária de Educação do Estado de São Paulo*, com o título "O jogo e a construção do conhecimento na pré-escola" (1992), enfoca *a brincadeira e o jogo enquanto processo que envolvem o indivíduo e sua cultura, adquirindo especificidades de acordo com cada grupo. Eles têm um significado cultural muito marcante, pois é através do brincar que a criança vai conhecer, aprender e se constituir como um ser pertencente ao grupo, ou seja, o jogo e a brincadeira são meios para a construção de sua identidade cultural.(p.18 )*

Essa frase é essencial para entender que cada brincadeira tem uma raiz cultural, e que cada criança produz cultura através das brincadeiras.

Tizuko Kishimoto em seu livro **Jogos Tradicionais Infantis**, descreve que *O jogo tradicional é um tipo de jogo livre e espontâneo, no qual a criança brinca pelo prazer de o fazer. Por pertencer à categoria de experiências transmitidas espontaneamente conforme motivações internas da criança ele tem um fim em si mesmo e preenche dinâmica da vida social, permitindo alterações e criações de novos jogos.(1995:16)*

Essas leituras serviram para mostrar quão era importante estar questionando e estudando o imaginário entre as crianças de 2 a 6 anos que freqüentam instituições de Educação Infantil. Mas as leituras realizadas até o momento, não permitem aprofundar os conceitos do imaginário, deixando muitas dúvidas quanto as possíveis definições e, além disso não encontrei até o momento bibliografia especializada sobre o imaginário das crianças pequenas que freqüentam a Educação Infantil. Sendo assim, pretendo estudá-lo melhor, através das suas próprias manifestações entre as crianças.

Para realizar esse trabalho, adotei uma abordagem qualitativa, já que ela proporciona meios para uma primeira aproximação a especificidade do meu tema: as manifestações do imaginário das crianças que freqüentam uma pré-escola de cultura japonesa no Brasil.

Optei por um estudo de caso, pois, segundo Menga & André (1986), *o estudo de caso é o estudo de um caso, seja ele simples e específico. O caso é sempre bem delimitado, devendo ter seus contornos claramente definidos no desenrolar do estudo. O caso pode ser similar a outros, mas é ao mesmo tempo distinto, pois tem um interesse próprio, singular. ( p.17)*

Ainda segundo as mesmas autoras o desenvolvimento desse tipo de estudo passa por três etapas que estão interligados, ou seja, as etapas não ocorrem por partes e nem isoladas, uma etapa depende da outra e se realiza de forma simultânea.

- Fase exploratória
- Coletas de dados
- Análise dos dados.

Portanto, a minha pesquisa teve três momentos, a fase de observação (exploratória), coleta de dados e análise de dados.

Passei 400 horas observando as crianças de uma pré-escola de cultura japonesa e durante as observações fui registrando no caderno de campo, as perguntas e respostas das crianças, os fatos relevantes, assim como, as reflexões provocadas. Foram também realizadas entrevistas com a professora Tizuko Kishimoto da F.E.U.S.P para uma discussão do tema pesquisado e com a diretora da pré-escola para coletar informações e fazer empréstimo de materiais (música, livros de sucata, dobradura, etc). Além das observações, tive a contribuição das crianças ao desenharem a pré-escola e as pessoas que

portanto, essas línguas são trabalhadas em áreas distintas do cérebro. Vale a pena lermos algo sobre esse assunto, já que existem muitos estudos para ampliar o nosso conhecimento.

Além da dificuldade com a língua portuguesa, como muitos dos descendentes de japoneses, eu tive também conflitos ao construir a minha identidade. Isso ocorre porque os valores, as normas, a forma de ver o mundo são diferentes nas duas culturas em que convivo, levando as vezes ao choque cultural.

Um outro ponto que me deixou insegura foram os preconceitos existentes entre os japoneses e a discriminação quanto a mulher. Muitas vezes fui alvo de preconceito por questões da minha descendência regional do Japão, isto é, os japoneses e nikkeis brasileiros discriminam preconceituosamente os japoneses de determinadas regiões do Japão. Infelizmente o racismo é muito forte na comunidade japonesa. Além desses preconceitos existe também a discriminação às mulheres. Quando criança, eu tomava banho depois que todos os homens (tios, primos) tivessem - se banhado, ou seja, as meninas e mulheres não podiam se banhar antes dos homens. Pode-se notar que a obediência e a submissão da mulher era muito forte no passado, mas hoje a mulher japonesa também tem sido vista de outra forma<sup>4</sup>.

Mas apesar desses desencontros, eu continuo admirando as duas culturas, estou procurando buscar o convívio harmônico com a cultura brasileira e japonesa.

A pré-escola pesquisada, busca também, essa convivência harmônica entre as duas culturas, segundo a diretora, o importante não é mostrar que a cultura japonesa é boa, mas sim, haver troca de informações, conhecimentos entre as culturas e oferecer experiências ricas às crianças. A harmonia buscada é possibilitar um vínculo, equilíbrio, entre as duas culturas, procurando assim, amenizar os conflitos de identidade, valores e normas.

Inserida a esse meio e professora das 19 crianças do pré (7 meninas, 11 meninos) de 6 anos (Nível-pré) descendentes de japoneses, mestiças ou brasileiras estarei descrevendo o cotidiano dessas crianças e de outras

---

<sup>4</sup> Nesse trabalho não abordei as relações de gênero nas crianças nikkeis brasileiras. Espero abordá-las em outro momento.

crianças de 2 a 3 anos do maternal, 4 anos do jardim I e de 5 anos do jardim II de diversas turmas destacando as manifestações o imaginário.

Portanto, essa pesquisa exploratória sobre as manifestações do imaginário na educação infantil de cultura japonesa tem também o intuito de mostrar como funciona uma pré- escola de cultura japonesa no Brasil e as experiências vividas e reflexões realizadas por mim como professora - pesquisadora.

Minhas análises estão centradas principalmente em dois textos da professora Tizuko Kishimoto (1995,1997) que trata da educação infantil no Japão. Estes textos me foram muito úteis, já que são os únicos sobre o assunto publicado no Brasil e me auxiliaram a analisar a pré - escola em questão. Os estudos sobre a brincadeira e a educação infantil no Brasil conhecidos durante o curso de pedagogia tais como os de Gisela Wajskop França (1990,1995), Walter Benjamin, Paulo Sales de Oliveira e outras leituras que tratam da educação japonesa, como os estudos realizados pela professora Zeila Demartini no artigo **Reflexões sobre Educação e Diferenciação Sócio-Cultural a partir de um estudo específico: Os japoneses em São Paulo** (1997); Merry White (1988), que em **Desafio Educacional** descreve como é a vida dos nikkeis americanos e de Ruth Benedict **O Crisântemo e a Espada** (1988) que trata também da cultura japonesa, Lili Kawamura (1995 ) fez uma pesquisa sobre os trabalhadores nikkeis brasileiros no Japão, Cláudia Regina Brito em sua tese **Escolas de japoneses: Educação e Etnicidade em Mato Grosso do Sul**. Todos eles foram muito relevantes para minhas reflexões.

Meu trabalho está dividido em oito capítulos:

- "Um espaço permitido para novas idéias" descreve a escola pesquisada.

- "Imaginário onde estás?" descreve o cotidiano da criança em busca das manifestações do imaginário.

- "Oba! Vamos fazer logo a lição para brincar lá fora" mostra uma determinada situação na sala da turma pesquisada.

- "A hora do lanche que momento é esse?" descreve manifestações do imaginário na hora do lanche.

- "Parquinho um espaço esquecido pelos adultos" relata as brincadeiras das crianças no parquinho. Aqui foram inseridas os desenhos como ilustração da prioridade das crianças em relação ao brincar.

- "Origami? O que vamos fazer...? Já sei um avião, um homem, não um caranguejo?" mostra manifestações do imaginário através de uma atividade com dobradura.

- "Sensei sayonara!" discute um pouco o prazer que a criança tem de retornar à pré-escola.

- "Fim de uma jornada um novo olhar para uma próxima aventura" apresento as reflexões e as análises finais.

Fazer esse trabalho foi uma tarefa difícil, pois foram tratados dois aspectos: imaginário e educação infantil de uma cultura japonesa, que são restrito em bibliografia. Mas apesar dessa dificuldade, foi muito gostoso de se fazer, porque tive a oportunidade de ser criança, conhecer a infância e mergulhar no meu imaginário. Tive também, uma boa orientação e ajuda de outros profissionais, que enriqueceram esse trabalho.

Enfim, com esse trabalho quis soltar a minha "dimensão de brincalhona".  
(Ghedini, 1994).

**Solte, você também, a sua  
dimensão brincalhona!**

## 2. Um Espaço Permitido para Novas Idéias.

Nós pesquisadoras(es) ainda hoje encontramos dificuldades quanto ao acesso de espaço e local para realizar os estudos. Apesar do incentivo e valorização a pesquisa na área de educação são poucas as instituições que abrem as suas portas para um trabalho em parceria.

Diante a essa situação, tive muita sorte e privilégio de realizar a minha pesquisa numa pré - escola de cultura japonesa. Meu tema de pesquisa dependia de uma instituição de educação infantil e que também, pertencesse a uma outra cultura.

Por isso, o título desse capítulo "Um espaço permitido para as novas idéias" dedico àquelas pessoas que confiaram e acreditaram no meu trabalho, e tiveram a confiança em ceder o seu espaço para contribuir com a pesquisa educacional.

Minha investigação foi realizada em um instituição que foi fundada há 24 anos, ela iniciou como uma escola de artes e de ensino de língua japonesa. Mas com o decorrer do tempo e da necessidade da comunidade japonesa em educar as suas crianças desde os 2 anos de idade, criou-se a pré - escola (youtien)<sup>5</sup>.

Hoje essa instituição funciona como escola de língua japonesa e possui uma pré - escola de cultura japonesa composta por quatro turmas (maternal, jardim I, jardim II e pré). Os diretores dessa instituição têm o intuito de dedicarem-se pela preservação da cultura japonesa, como também, pela convivência harmônica com a cultura brasileira.

A pré - escola localiza-se num bairro residencial, calmo e tranquilo, não havendo trânsito intenso ao seu redor.

O horário de funcionamento da pré-escola é das 8:30h às 12:30 h, são 4 horas de muitas atividades , diversão, etc.

Às 8:00h, as peruas escolares chegam e as crianças entram pelo portão e encontram um enorme pátio coberto de areia, cercado de alguns coqueiros, árvores e vários brinquedos espalhados pelo parquinho. Ao circularem pela instituição elas encontram várias salas, todas elas decoradas ao estilo japonês ( painéis com dobraduras, sucatas, cartazes do ideograma e alfabeto japonês)

---

<sup>5</sup> Youtien significa pré-escola em japonês.

e brasileiro (painéis com datas comemorativas, cartazes com as letras do alfabeto).

Depois de explorarem a escola, as pequenas crianças ocupam os brinquedos do parquinho e desde cedo começam a brincar na areia, com água, bola até iniciar as atividades programadas pelas professoras.

Entre as gargalhadas e gritarias ouve - se um som de um sino, logo as crianças se enfileiram por turmas e a diretora os cumprimenta com um Bom-dia! (ohayo gasaimasu)<sup>6</sup> e em coro todas as crianças respondem fazendo a reverência, isto é, abaixam a cabeça.

Depois se locomovem para um outro espaço onde fazem a ginástica . Ao som de uma música infantil as crianças dançam e fazem exercícios físicos por 30 minutos.

Terminada a ginástica dirigem-se para as salas acompanhadas por outra música .

Todas as crianças têm 75 minutos de atividade escolar, 75 minutos de intervalo (lanche, atividade livre no parquinho) e 60 minutos de atividades com origami, confecção de sucata, história, vídeo, pintura, desenho.

As crianças da pré - escola, além das atividades escolares (alfabetização em português, japonês, matemática, estudos sociais, ciência), elas têm aulas de música, flauta, computação sorobam (ábaco).

Na hora de ir embora é tocada uma música, as crianças já sabem que é o momento de estarem guardando os materiais e se prepararem para irem embora. As crianças com as suas mochilas enfileiraram-se por turmas e cantam a música de despedida para dizerem, Sayonara<sup>7</sup>.

Nessa pré - escola além de comemorar o carnaval, a páscoa, dia do índio, descobrimento do Brasil, dia das mães, festa junina, dia dos pais, dia do folclore, 7 de setembro, dia dos meios de transporte, dia do palhaço, dia dos animais etc, comemora -se também algumas datas comemorativas do Japão como o hina-matsuri, tango -no- sekku, undo-kai.

Sabe-se que algumas famílias nikkeis brasileiras comemoram essas datas seguindo os costumes japoneses.

---

<sup>6</sup> Ohayo gasaimasu significa Bom-dia!

<sup>7</sup> Sayonara significa até logo.

## HINA-MATSURI.

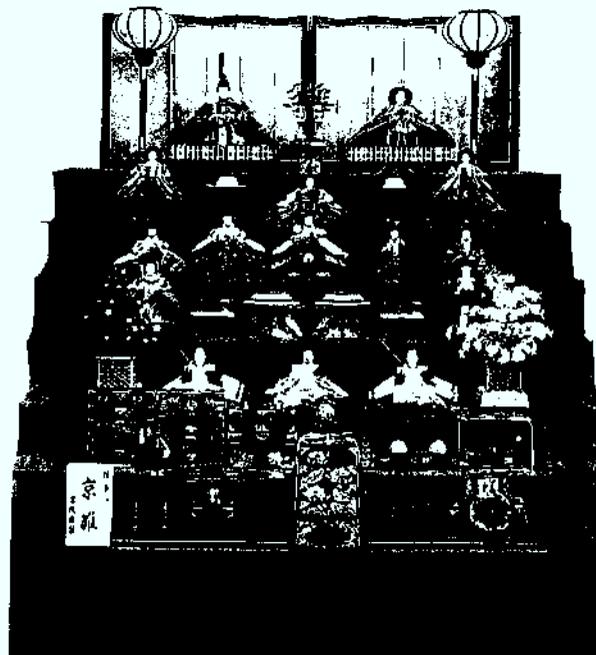
É uma festa que comemora o dia das meninas no Japão.

Comemora-se o hina-matsuri no dia três de março. É uma tradição para as famílias que têm filhas, fazerem em casa enfeites com a boneca ohinasama e bonecas hina e desejarem que suas filhas cresçam com saúde.

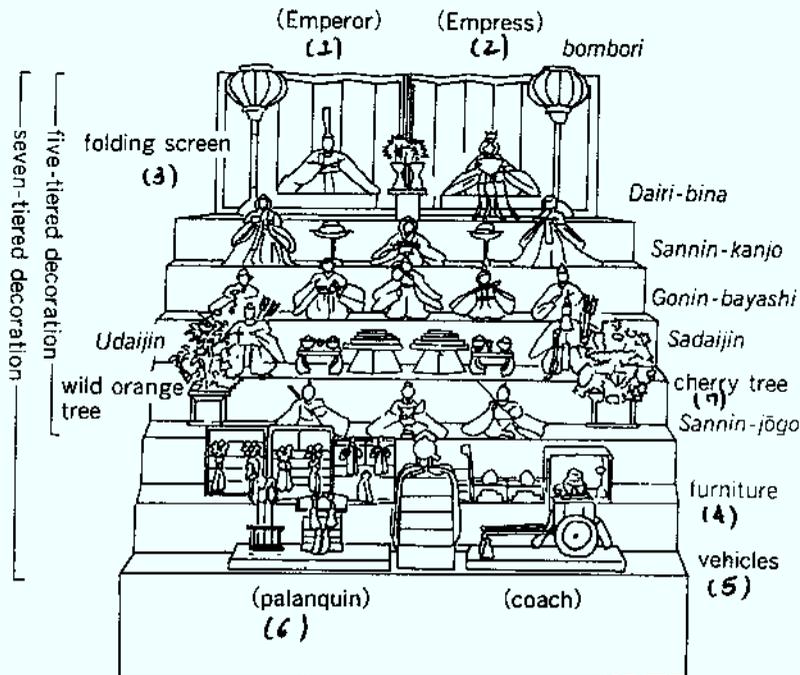
Este evento também é chamado de *Momo-no-sekku*, um festival da época de florescimento dos pessegueiros que podem ser associados com o festival das meninas, o *Hina-matsuri*. Na maioria das casas onde há uma jovem garota, pratos especiais (doces e baias) são preparados e celebrados com a família e amigos.

Quando o dia de *Hina-matsuri* se aproxima, as crianças da pré-escola fazem bonecas-hina com papel, fazem desenhos das bonecas-hina ou cantam músicas de *hina-matsuri*. Dessa maneira, as crianças de hoje tem a chance de aprenderem a tradição e os adultos podem reviver suas memórias.

A figura<sup>8</sup> abaixo é uma foto de um enfeite que as famílias japonesas montam no dia do hina-matsuri.



<sup>8</sup> As figuras das datas comemorativas japonesas foram tiradas do livro *Experiencing Japanese Culture*. (Takeuchi, 1989)



(1) imperador, (2) imperatriz, (3) tela dobrável, (4) móveis, (5) veículos, (6) palanque, (7) árvore de cerejeira.

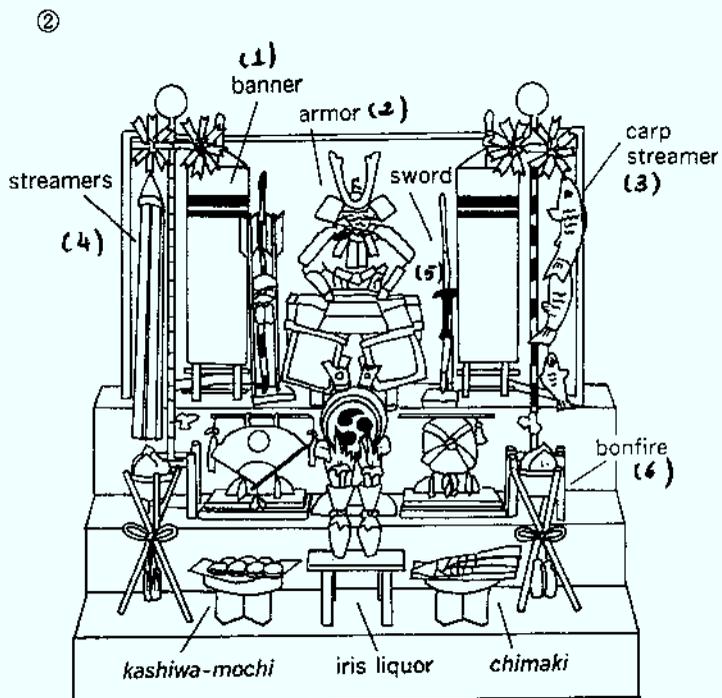
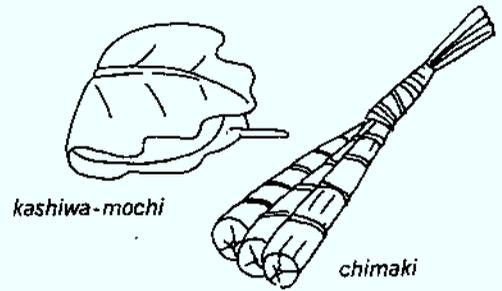
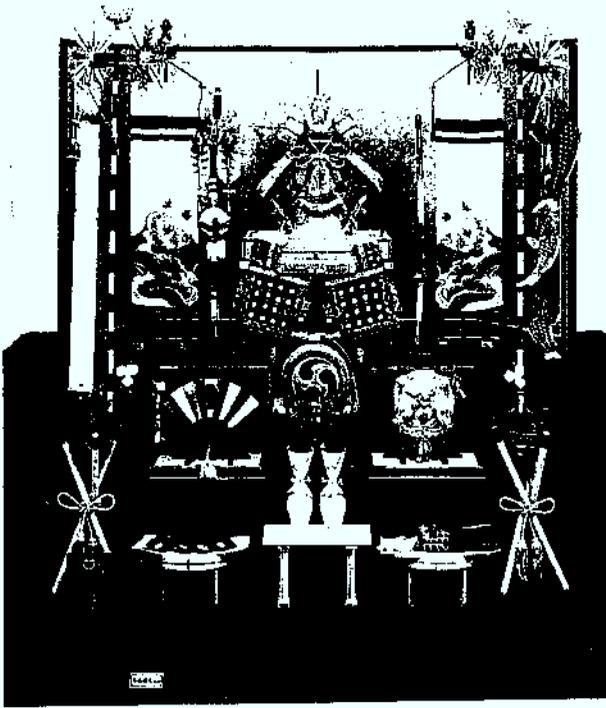
### TANGO-NO-SEKKU

*Tango-no-sekku* era celebrado como Dia dos Meninos no dia cinco de maio. Hoje em dia é um feriado nacional japonês conhecido como Dia das Crianças, estabelecido para desejarem felicidade a todas as crianças. As famílias que tem um filho, fazem com que ele empine um *koi-nobori* (pipa em forma de carpa) num mastro e em casa se faz também um enfeite mostrando um *kabuto* (um capacete de guerreiro feudal) ou *musha-ningyō* (boneco guerreiro) na alcova e comem *chimaki*<sup>9</sup> ou *kashiwa-mochi*<sup>10</sup> para celebrar o dia. Algumas pessoas tomam banho com ervas e raízes para afastar maus espíritos.

<sup>9</sup> *Chimaki* uma comida doce feita com pó de arroz embrulhada numa folha e cozida no vapor.

<sup>10</sup> *Kashiwa-mochi* um doce feito com pó de arroz enrolado em uma folha, cozida no vapor e cortado em rodélas.

As figuras seguintes ilustram um pouco os elementos (comida, pipa em forma de carpa e o enfeite) usados no dia do Tango-no-Sekku.



(1) bandeira, (2) armadura, (3) enfeite de carpa, (4) fita, (5) espada, (6) fogueira.

Esta música normalmente é cantada no dia do Tango-no-Sekku.

Koinobori

Pipa de carpa

Yane yori takai koinobori

A pipa de carpa está mais alta que o telhado.

Ookina magoiwa otousan

A pipa maior é o pai.

Chiisai higoiwa kodomotachi

A pipa menor é a criança.

Omoshirosouni oyoideru

Alegre eles estão nadando.

## こいのぼり

$\text{♩} = 120$

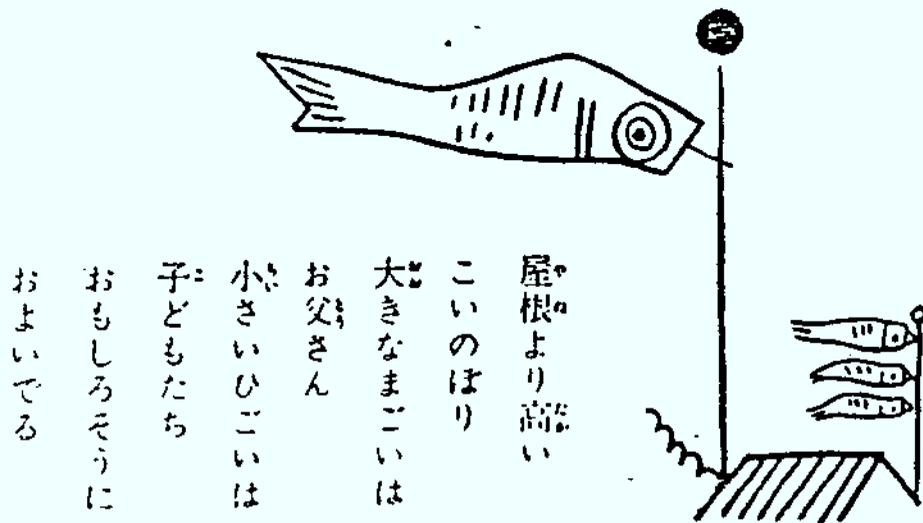
©JMAE 教育音楽協会 作詞  
作曲

やねより たかい こいのぼり

おおきな まごいは おとうさん

ちいさい ひごいは こどもたち

おもしろ そうに およいでる



*-Professora na sua infância havia essas comemorações?*

Na minha casa não haviam esses enfeites, mas na casa da minha avó se comemorava apenas o dia dos meninos pendurando os peixes koinobori numa vara de bambu que ficava no quintal.

Hoje me questiono porque a minha avó comemorava apenas o dia dos meninos. Será que as meninas não eram lembradas pela família?

São perguntas que surgiram no decorrer deste trabalho, ainda não encontrei a resposta, mas são dados para estarmos refletindo.

Bem...

No dia dos animais as crianças visitam os animais existente na escola como macaco, coruja, porco espinho, coelho que ficam em um espaço reservado. As crianças visitam várias vezes os animais durante o ano para

realizarem pesquisas e poderem conhecê-los melhor. Esses animais foram doados pela prefeitura, já que o diretor dessa instituição os trata com cuidado e possui autorização da guarda florestal.

Além dessas atividades, a pré - escola promove eventos durante o ano tais como: a gincana chamada UNDOKAI no mês de maio, festa junina em julho, excursão em outubro, e apresentação de dança e teatro em dezembro.

Tive a oportunidade de participar do Undokai.

## UNDOKAI

No Japão o undokai é realizado no outono no dia 10 de outubro, um feriado nacional chamado Dia do Atleta (Undokai).

Companhias e comunidades locais fazem do Undokai um programa interessante que incluem competições individuais e em grupos. Debaixo de um céu azul, várias crianças usando bonés vermelhos ou brancos ao som de uma pistola ou apito começam a correr na pista. A expressão do rosto de cada pai e mãe assistindo e torcendo é tão séria quanto as crianças. Estas cenas podem ser vistas em muitas outras escolas.

Essas reuniões tem sido uma tradição por mais de 100 anos no Japão, pois é uma ocasião para pessoas atarefadas aperfeiçoarem a comunicação com outros e reduzirem o stress.

Segundo a diretora essa gincana tem o intuito de propôr uma atividade educativa fora da escola em um campo aberto e livre. E são realizadas atividades de dança, competições de corrida, caça-palavra, ginástica para idosos, cabo de aço, etc. Para uma melhor compreensão, inseri neste capítulo a programação do Undokai realizada no mês de maio deste ano. Descrevi apenas as atividades destinada para as crianças pequenas. Os programas não descritos são atividades para crianças a partir de 7anos, adolescentes, adultos e idosos.

A gravura seguinte foi a capa do caderno de programação<sup>11</sup>. O ideograma escrito acima da figura significa *taikusai* ( festival esportivo).



No programa nº1, as crianças fizeram uma ginástica junto com os pais, essa foi a primeira atividade no campo, uma forma de aquecer e estar se familiarizando com o espaço.

No programa nº2, as crianças participaram da competição de corrida de 30 metros. Para as crianças de 2 anos, isso foi uma novidade, alguns choraram na pista, outras caíram mas saíram correndo, enfim uma nova experiência.

<sup>11</sup>Este programa possui 36 atividades para todas as idades que estão reproduzidas nas páginas seguintes. Onde é citado alunos do *youtika* refere-se atividades para as crianças da pré-escola (2-6anos). Os alunos do curso de língua são identificados por grupo de letras F (7-8anos), E (9-10anos), D (11-12 anos), C (13-14 anos), B (15-16anos), A(16-18 anos). Quando cita mulheres, homens, meninos e meninas são atividades destinados aos visitantes.

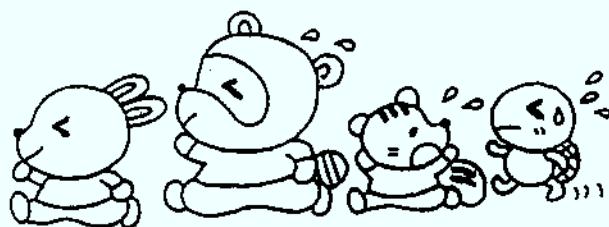
O programa nº3, as crianças se dividiram em duas equipe formadas por meninas e meninos de 2 a 6 anos, elas precisavam pegar as bolas que estavam espalhadas no chão e colocar na cesta. O engraçado dessa brincadeira é que a cesta foi carregada por uma pessoa que ficava fugindo, e as crianças precisavam correr atrás dela e colocar as bolas na cesta, foi muito divertido.

番	種 目	回	出 場	出発点
1	準備体操 Ginástica rítmica	1	全 員 Alunos e Pais	中 央
2	30メートル競走 30metros rasos	12	幼 稚 科 Alunos de youtika	C D
3	30メートル競走 30metros rasos	4	幼児 (6才まで) até 6 anos	C D
4	75メートル競走 75metros rasos	8	F. E. 組 Grupo F.E.	A D
5	100メートル競走 100metros rasos	8	D. C. B. A. 組 Grupo D.C.B.A	A E
6	100メートル競走 100metros rasos	6	一 般 少 年 Meninos de 7 a 16 anos	A E
7	100メートル競走 100metros rasos	6	一 般 少 女 Meninas de 7 a 16 anos	A E
8	玉 入 れ 競 争 Bola ao cesto	1	幼 稚 科 Alunos de youtika	中 央

O programa nº11 foi a exploração da floresta: as crianças precisavam atravessar vários obstáculos. Dada a largada, as crianças correram para andar sobre alguns bancos, que representava uma ponte; depois precisaram pular uma corda azul, que era um rio; a aventura continuou, agora elas precisavam passar por debaixo de uma lona e depois por um túnel e correram até a linha de chegada. Esse programa oferece uma experiência muito rica para as crianças, dando -lhes segurança, coragem e auto- confiança.

9	ママさんダンス Dança das mães	1	婦 人 senhoras	中 央
10	100メートル競走 100metros rasos	14	一 般 男 女 Mulheres e homens mais de 18 anos	A E
11	ジャングルたんけん Exploração de jungle	14	幼 稚 科 Alunos de youtika	B D
12	ジャングルたんけん Exploração de jungle	4	幼児 (6才まで) até 6 anos	B D
13	名所めぐり Visita turístico	5	日本語科男子生徒 Alunos	H D
14	フットコンペアー Futo kompea	7	日本語科女子生徒 Alunas	K L
15	絵合わせ競走 Formar figuras	8	幼 稚 科 Alunos de youtika	B D
16	絵合わせ競走 Formar figuras	4	幼児 (6才まで) até 6 anos	B D
17	リズムダンス Dança rítmica	1	日本語科女子生徒 Alunas	中 央
18	ママ ありがとう 体操 ゆうぎ Obrigada mamãe	1	幼 稚 科 Alunos de youtika	K L

19	つなひき Cabo de aço	1	日本語科男女生徒 Alunos e alunas	中央
20	つなひき Cabo de aço	1	一般少年少女 de 7 a 16 anos	中央
昼 食 ALMOÇO				
21	祝 移民90年 みんなで踊ろう Vamos comemorar 90 anos de imigração	1	全 員 Todos	中央
22	計算競走 Prova de cálculos	6	一般少年 Meninos de 7 a 16 anos	A E
23	青空の下で元気に体操 Ginástica sob o céu		老人(70才以上) mais de 70 anos	中央
24	玉入れ競争 Bola ao cesto	1	老人(70才以上) mais de 70 anos	中央
25	シャツ着替え競争 Prova de trocar a camisa	1	婦人・モッサ Moças e senhoras	K L
26	かえるのさんぽりレー Revezamento de sapo	1	一般少女 meninas de 7 a 16 anos	K L
27	つなひき Cabo de aço	1	一般男女 Mulheres e homens	中央



Para finalizar a atividade das crianças do pré, elas dançaram no meio do campo e depois homenagearam as mães com uma flor. Foi muito gratificante ver essas crianças participando desse evento.

28	買い物競走 Prova de fazer compras	10	日本語科女子生徒 Alunas	H D
29	二眼六脚 2 olhos e 6 pés	5	日本語科男子生徒 Alunos	B D
30	助け合って行こう Vamos salvar	1	一般少年 meninos de 7 a 16 anos	K L
31	夫婦相和し Casal 20	10	夫婦同伴 Casados	A E
32	むかで競走 Centopéia	1	日本語科男子生徒 Alunos	K L
33	地球運びリレー Revezamento de globo	1	一般少女 Meninas de 7 a 16 anos	K L
34	紅白リレー Revezamento de kouhaku	1	日本語科男女生徒 Alunos e alunas	C D
35	雲助リレー Revezamento de kumosuke	1	父兄・青年 Moços e pais	J D
36	フォークダンスで さようなら Adeus com a dança		全員 Todos	中央

Conclue-se que esse evento tem por objetivo propôr uma atividade diferente, proporcionando uma experiência educacional não- escolar.

Portanto, são 200 dias letivos com muitas atividades e eventos diversificados, para uma convivência harmônica com as culturas.

### **3-IMAGINÁRIO ONDE ESTÁS?**

#### **Começo de uma história.**

Caros leitores, irei narrar para vocês um dia das crianças numa pré-escola de cultura japonesa. Mas para você iniciar a leitura é preciso realizar algumas tarefas.

1) Feche os olhos e retorne para a sua infância.....

2) Relembre as suas brincadeiras, suas fantasias, como era sua imaginação.....

2) Agora com as emoções do passado e do presente, mergulhe comigo no cotidiano das crianças na pré-escola.

#### **Jornada da pré - escola.**

##### **O primeiro dia.**

São 7:00h da manhã o céu está azul e o sol vai raiando, as pombas estão enfileiradas no telhado do vizinho e esperam pela chegada das crianças à pré - escola.

São quase 120 crianças que irão invadir o pátio, o cachorro Dom -Dom que se encontra ao lado do portão observa a porta para ver a chegada da primeira criança.

Toca a campainha da pré-escola, as pombas saem voando e o Dom - Dom late de alegria e olha as crianças entrarem para o pátio.

Eu me aproximo das crianças para dar boas vindas ou bom retorno a pré-escola. As crianças do pré (6 anos) e do jardim I,II (4 e 5 anos respectivamente) se alegram ao reverem os seus professores e amigos, e saem correndo para brincarem no parquinho ou contarem as suas histórias. No entanto, as crianças novas choram, berram, vomitam de tanto chorar, enfim cada criança tem uma reação diferente ao ambiente novo.

Isso me fez lembrar as palavras do André Gide em **La porte étroite** *A culpa e a felicidade manifestam-se na vida das crianças com mais pureza do que mais tarde, pois todas as manifestações na vida infantil não pretendem outra coisa se não conservar em si os sentimentos essenciais".* (1984: 43).

Um espaço infantil onde falavam ao mesmo tempo, gritavam sem limites, choravam mais que podiam, riam até se esborracharem no chão, não paravam quietos, uma energia que devia ser de 10 ações por segundo. Eram

momentos de muito dinamismo, aventura... enfim todos estavam ansiosos e curiosos pelo novo ambiente.

Enfim, lá eu estava rodeada de várias crianças que sorriam, cantavam, dançavam, emburravam, choravam, faziam xixi na calça, babavam...enfim, viviam no mundo infantil.

Uma voz me sussurra e questiona, é o Totoro.

*-Professora será que o lúdico, o jogo, o brincar, o brinquedo realmente existe nesse espaço infantil?*

*-As crianças com as quais você convive conversam sozinhas, brincam, criam o seu mundo, jogam sozinhas? Como elas são no dia-a-dia da escola, o brincar é chamado o tempo todo?*

Digo a ele que há vários estudos sobre o lúdico, o brincar, o jogo, e essas leituras me fascinam, e não há nada melhor do que ver isso na prática, ou seja, entender a teoria através da prática e ver a prática com os óculos da teoria.

*-Prática? Quer dizer ver no real?*

Sim ver no real, o brincar, o jogar, o lúdico das crianças, observar essas ações te levam há várias reflexões, análises, dúvidas, hipóteses, te fornecem muitos elementos que te auxiliam a conhecer melhor o mundo da criança: a fala, a ação, o olhar, a revolta, enfim o seu íntimo.

*-Como assim conhecê-las melhor?*

As crianças têm um certo medo das pessoas e do meio estranho e isso acaba tornando difícil a sua socialização e ao mesmo tempo a sua adaptação ao meio. O professor precisa conhecer o seu aluno, mas o constrangimento que a criança vive na escola dificulta a sua expressão, e muitas vezes se isolam das pessoas adultas (professor, funcionários etc).

Para "quebrar esse gelo", colocamos em prática o brincar, o jogo, o lúdico que muitas vezes favorecem a libertação da criança, levando-a a se soltar e pôr para fora as suas vontades, necessidades e até mesmo o seu desgosto.

As crianças vão se adaptando pouco a pouco ao meio, o professor é a ponte para essa familiarização, é preciso muita criatividade do educador para distraí-las através de conversas, brincadeiras, palhaçadas e outras atividades que as levem a sentirem-se seguras.

### **Os dias se passaram e...**

Aquela pré - escola que estava em silêncio, agora está repleta de gargalhadas, gritarias, berros, no meio dessa algazarra toca o sino de entrada. Algumas crianças gostam desse sinal.

#### *-Por que elas gostam desse sinal?*

Elas gostam desse sinal, porque é um sinal produzido por um sino. Esse sino é de bronze que faz um barulho diferente do que estamos acostumados por isso que chama a atenção delas.

Todas as crianças das quatro turmas (maternal, jardim I,II e pré) se reúnem em frente do prédio e a diretora os cumprimenta com um bom-dia.

おはよう ございます！

Ohayo - gazaimasu<sup>12</sup>.

Enfileiradas, as crianças se dirigem para o pátio e se organizam em turmas, as professoras ficam em frente de suas crianças. A música é tocada no alto falante para que todas possam ouvir. Vai começar a ginástica. As professoras fazem a coreografia conforme a letra da música e as crianças as fazem igual.

#### *-Como é essa música?*

A música pede para imitar o balanço dos macacos, o saltar dos sapos, o voar dos pássaros, o nascer do sol, o desabrochar das flores, a gangorra....e termina com a música do trem<sup>13</sup>.

<sup>12</sup> Ohayo-gozaimasu significa Bom-dia em japonês.

<sup>13</sup> As músicas e as figuras inseridas neste trabalho foram retiradas do caderno de música infantil japonesa chamado Minna no Uta que quer dizer música para todos. Ele foi organizado pelos docentes da Associação Cultural Japonesa de São Paulo - Bunka.

Citarei uma parte da música.

### OS TRILHOS DO TREM SEGUEM...

Os trilhos do trem seguem para todo lugar,

Senro wa tsuzuku yo dokomade mo

Atravessam os campos, os vale e as montanhas,

Noo koe yama koe tani koete

Fazem uma longa viagem até os nossos sonhos.

Harukana matimade bokutachino tanoshii tabino yume tsunaideru..

Lálálá,lálálá, lálálá,lálá pópópó

Lálálá,lálálá, lálálá,lálá pópópó

Enquanto as crianças cantam, elas dançam como é mostrada na figura que se segue.

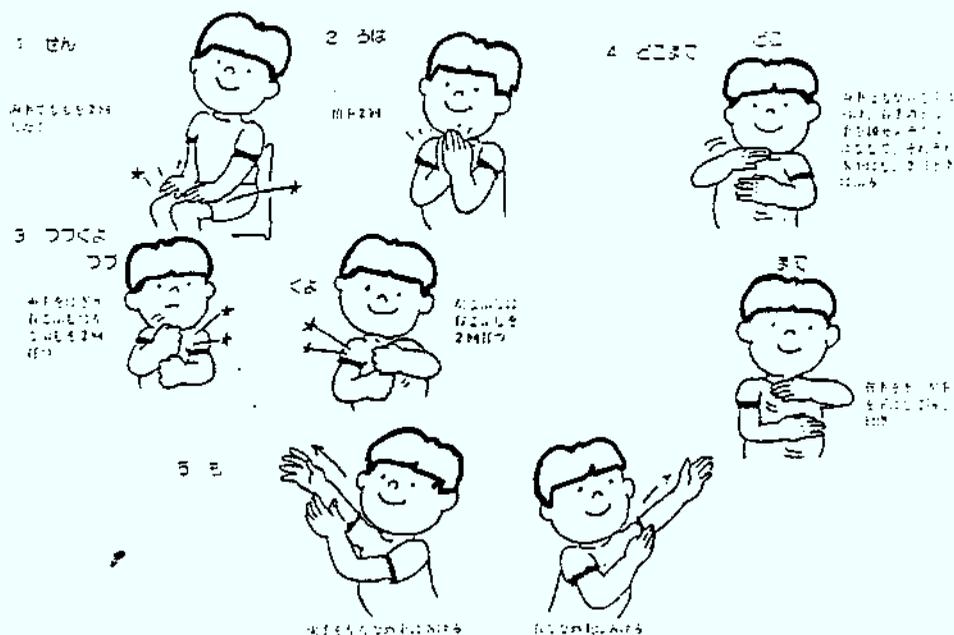
Primeiro batem as mãos no joelho, depois batem palma, em seguida fecham as mãos e batem uma na outra de cima para baixo e vice-versa, abrem as mãos e estendem para dentro e fora e por fim, estraiam os dedos para direita e esquerda.

### 線路はつづくよ

詞：佐木 歌  
田：アメリカ民謡

せんろはつづくよ どこまでも のこえやま  
こえ たにこえて はるかなまちまで ほくたち  
の たのしいたびの ゆめ つないで る  
ラ ラ ラ ラ ラ ラ ラ ラ ラ ラ ラ ラ ラ ラ ラ  
ラ ラ ラ ラ ラ ラ ラ ラ ラ ラ ラ

( \* 番号は拍の番号です )



- Professora, durante a ginástica você tem visto o Imaginário aparecer?

Imaginário? Para responder essa questão é preciso entender um pouco sobre ele.

-Você leitor já pensou no que poderia ser o imaginário?

Temos vários estudos sobre o tema, porém poucos sobre o imaginário das crianças pequenas.

Paulo de Salles Oliveira em seu artigo "A criação do imaginário nos brinquedos Infantis" diz que o *Imaginário compreende as formas pelas quais a sociedade se representa a si mesma. É socialmente construído e expressa as diferentes perspectivas dos sujeitos históricos, que constituem a sociedade. O imaginário não é, portanto uniforme: ele se define, antes, pela multiplicidade.* (1992:285)

Para retratar melhor a idéia do autor prossigo. (...) Ocorre que as crianças não se contentam e tampouco se resignam com o engodo empirista

*-Como é cantar uma música em outra língua?*

Algumas crianças falam e compreendem a língua japonesa porque a família se comunica nesta língua. Mas muitas das outras crianças não sabem falar, escrever e compreender a língua japonesa. Portanto as crianças assimilam o significado da música por gestos realizados por mim, com o tempo vão compreendendo a letra ou a simbologia através da música.

Eu começo falar em japonês e depois introduzo a fala em português. As crianças ficam atentas e se não compreendem perguntam em português. Eu explico o significado das palavras por parte e repito novamente até que as crianças acabam captando a mensagem. Esse modo de interação da língua portuguesa com a japonesa exige da criança muita atenção, porque é preciso que ela se adapte o mais rápido possível a essa comunicação bilingüística, simultânea, para poder conviver de forma harmônica nesse meio.

Com o passar dos dias, eu fui percebendo que a criança ao falar em japonês, os seus gestos também acabam representando o estilo japonês, isto é, a criança ao pedir algum objeto na língua japonesa, ela estende a mão e abaixa a cabeça, em outro momento, essa mesma criança ao pedir um outro objeto na língua portuguesa, ela não estende a mão e nem abaixa a cabeça.

Parece que a língua falada ou o ambiente tem uma grande influência nas ações das crianças.

Continuemos com as atividades das crianças. Cantada a música elas vão para o momento da higiene, onde vão ao toalete, lavam as mãos e bebem água. Nesse momento pode-se observar que as crianças entre elas criam as ordens, normas para beberem a água, lavarem as mãos. Nesse momento há também, crianças que gostam de brincar com a água e ficam delirando minutos e minutos...

*-Professora, o que será que esta criança que esta brincando com a água está imaginando? Será que ela está imaginando que está nadando ou está apenas sentindo o prazer da sensação que a água lhe oferece?*

Fico observando e respondo ao Totoro, que o momento dessa brincadeira deve ser muito rica para esta criança e devemos respeitar.

Eu chamo as crianças para entrarem na sala (Hairimashō)<sup>14</sup> e peço para que elas organizem os seus materiais para a próxima atividade. São 50 minutos de atividades desenvolvidas em livros (japonês/português), desenhos, pinturas, origami (dobradura), matemática, estudos sociais, ciência, e nesses 50 minutos há 30 minutos de atividades com sorobam (ábaco), computador e música. Essas atividades de 30 minutos são realizadas uma vez por semana.

Depois dessa maratona as crianças tomam o seu lanche. Antes e depois do lanche as crianças cantam outra música em japonês. A música passa uma mensagem de que é preciso lavar as mãos antes do lanche, devemos comer de tudo em harmonia, e ao final devemos agradecer pelo alimento.

Os japoneses freqüentemente antes da refeição fazem uma reverência dizendo itadakimasu que significa estar agradecendo pelo alimento e pós a refeição também se faz uma reverência dizendo gotisousama que significa estar satisfeito e grato pela refeição. São algumas ações de costumes da cultura japonesa que não deixam de estar presente no cotidiano dessas crianças.

*-Será que o gesto de reverência provêm de alguma religião, é algo da tradição japonesa ?*

São ações que eu realizava de forma costumeira e nunca havia parado para pensar até o momento dessa pesquisa, é um ponto para se questionar e estudar as origens numa outra ocasião.

Depois do lanche as crianças escovam os dentes e vão para o pátio, são 75 minutos de hora livre para brincarem no parquinho, jogarem bola ... estarei retomando esses momentos preciosos no próximo capítulo.

É dado o sinal, todos correm para a sala de aula e continuam as suas brincadeiras nas classes. Nesse período de 60 minutos as crianças assistem desenhos japoneses para aprenderem as letras e acostumarem com as pronúncias, mostra-se também, vídeos de animais, plantas ...e outros, para poder desta forma, trabalhar com vários conhecimentos.

Nesse período conta-se também histórias para as crianças: fábulas, contos, lendas, história em japonês, e elas participam fazendo imitações de animais, dramatização de fenômenos da natureza. Fazer isto é muito divertido.

---

<sup>14</sup> Hairimashoo significa vamos entrar.

Desta forma as crianças vão percebendo que cada linguagem tem a sua especificidade, ou seja, na língua portuguesa imitamos;

O miado do gato fazendo Miau! Em japonês se faz Nyau!

O latido do cão é Au! Au! Em japonês se faz Wan! Wan!

O galo canta Coco ri cocó! Em japonês se faz Koke- ko- ko!

Para imitar a chuva dizemos chuá chuá! Em japonês se faz zaa-zaa!

Caro leitor, é interessante brincarmos com as semelhanças das linguagens, dessa brincadeira podemos tornar o ensinar e o aprender pela língua mais agradável. Tenho proposto às crianças atividades interessantes nesses momentos, levando - as a fazerem associações de palavras, jogos com as letras e formulando palavras ou pronúncias interessantes, é sensacional fazê-las inventar palavras.

*-Será que o imaginário pode emergir de um jogo de palavras?*

Ao meu ver, esse jogo de palavras ou a simbologia criada pelas crianças são manifestações de uma elaboração do real com o seu conhecimento, que pode levar ao imaginário?

Não sei ao certo a resposta correta, espero poder mais tarde estar discutindo com professores que estudam a área da linguagem.

Além de histórias, há outras atividades com sucatas, massa de modelar, jogos, recreação no pátio, brincadeiras de cartões em japonês ou português, gincanas.

*-Os japoneses valorizam o brincar com sucata?*

Segundo a diretora da pré-escola a sucata é muito utilizada na educação infantil do Japão, com o intuito de as crianças já desde pequena estarem percebendo que tudo pode ser transformado e conhecer o processo dessa transformação. E também, valorizar o produto, nada pode ser jogado fora tudo deve ser reaproveitado. (educação ambiental)

Sabe-se que no Brasil esse tipo de proposta tem se expandido de forma positiva em várias áreas de ensino.

Algumas vezes, as crianças produzem a própria massa para modelar e para a festa do final de ano, muitas vezes são feitas máscaras para o espetáculo de dança com essa massa caseira.

Como exemplo, inseri essas figuras<sup>15</sup> para ilustrar um pouco de como os japoneses se divertem com elementos da natureza.

Essa figura mostra como confeccionar um apito de bambu.

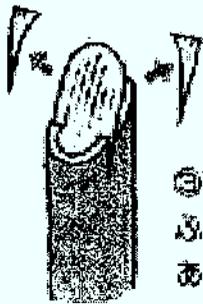


●ふえの つくりかた●

①いたどりの くきの  
さきを ななめに  
きりとる。



②きりこみを  
いれ、さきや  
あしの はを  
さしこむ。



③はは、  
ふきぐちに  
あわせて  
きりとる。

●ふえの つくりかた●

①いたどりの くきの  
さきを ななめに  
きりとる。



②はんたいがわも  
あなじょうに  
きりとる。



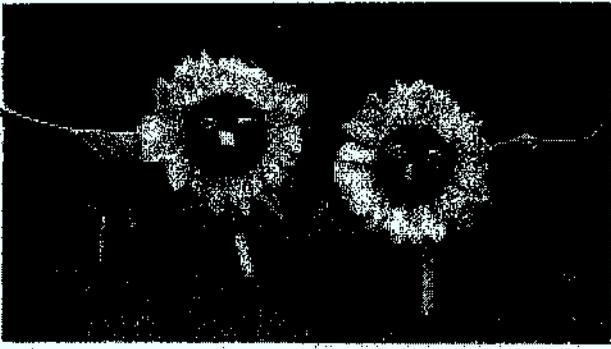
③したくちびるを  
あてて ふく。

<sup>15</sup> As figuras que se seguem foram tiradas de um fascículo da revista infantil japonesa chamado yagai asobi (brincadeiras no campo) e hankachi-asobi (brincadeiras com o lenço) que fazem parte de uma coleção infantil japonesa.

As figuras abaixo mostram como fazer um leão com girassol e um catavento com uma folha.

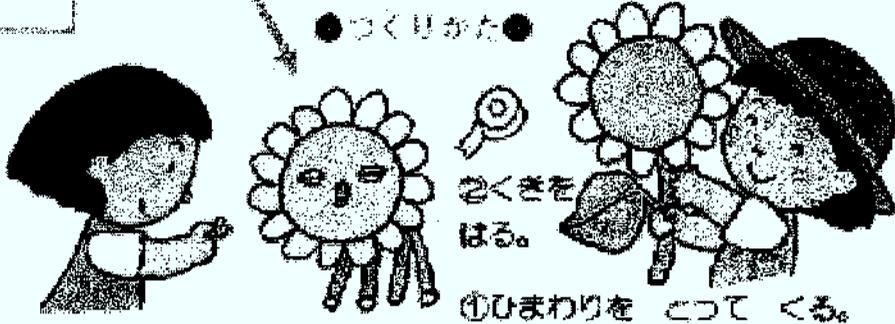
①はなを はり、  
 ②かおを つくる。

●つくしかた●



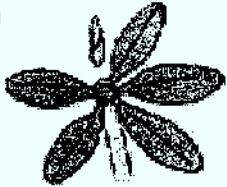
①ひまわりを とつて くる。

②くきを はる。



●かざぐるまの つくりかた●

①ほうのきの  
ほの  
しんめを  
きりとる。



②かわに  
きりこみを  
いれる。



③しんを  
もとの  
あなに  
さしこみ  
はを きる。



④ねじり、  
しんを  
ゆく。



Os japoneses fazem muitas excursões e atividades na mata, na praia, em rios, etc. Essa figura mostra o acampamento das crianças e a confecção de um cocar.

Uchigaike no Iwano



● キャンプファイアをしよう！

● キャンプファイアを あそぼう ●

① ほそながい かもで わをつくる。

② きれいな はっぱをはる。

③ かざりをつける。

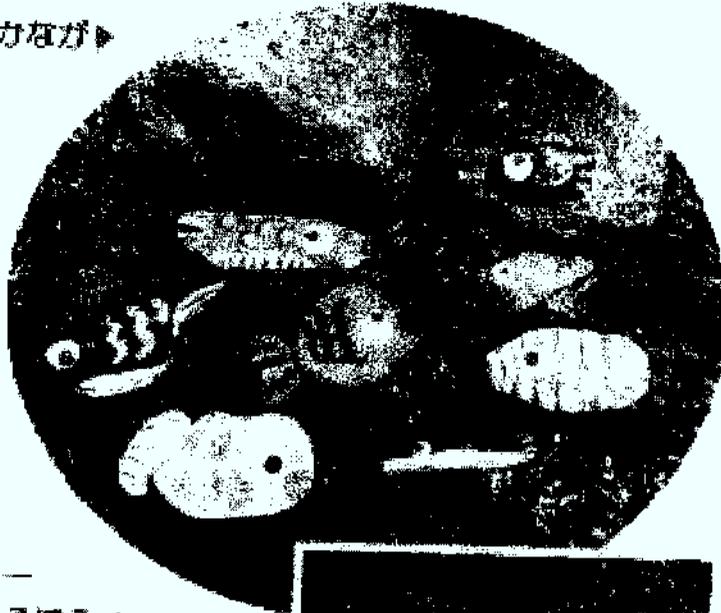
④ しんぶんしなどで ようみくをつくり、 そこに はっぱをはる。

⑤ かれえだに はっぱをはる。

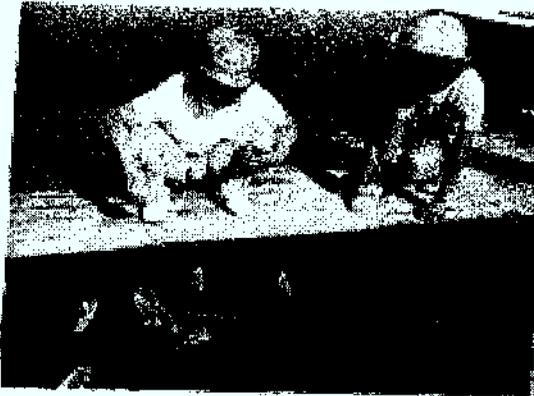
⑥ テープをはる。

As crianças estão pintando pedras na beira do rio e confeccionando um barco com uma folha.

いしの さかなが  
いっぱい。



かさぶねで あそぼう！



●かさぶねの つくりかた●



①のようはしを  
おり、きりこみを  
いれる。

③はなを  
かざる。



②きりこみに  
はを  
さしこむ。

▲いしの どんを よく  
あらい、えのぐで  
えを かく。かいたら  
よく かわかしましょう。

Portanto, os japoneses além de transformar a natureza em brinquedos valorizam muito o processo de produção e do aproveitamento de material, sendo assim, as confecções com sucata , massa de modelar, tinta natural e outros materiais fazem parte do currículo dessa pré-escola, com o intuito das crianças, desde cedo, perceberem que alguns objetos não surgem do nada, mas de um processo, experiência e por fim invenções.

Enfim, está na hora de ir embora, as crianças guardam os seus materiais, arrumam as suas carteiras, recolhem os lixos de seus lugares, vão para o toailete, lavam as mãos e bebem água. É tocada uma música que anuncia o momento de ir embora, as crianças ao ouvirem retornam para a sala, pegam a sua mochila e se enfileiram.

Todas as crianças da escola se organizam no pátio e cantam a música de até logo em japonês, e ao dizerem sayonara todas saem correndo pelo parque para o encontro dos pais e para as peruas escolares.

Lá no parquinho, eu fico observando o fim da atividade escolar, pouco a pouco o pátio fica vazio retornando ao silêncio, pode-se ouvir agora, apenas os cantos dos pardais, dos periquitos.

Assim, serão os 200 dias letivo, onde o imaginário estará presente em cada gesto dessas crianças propondo muitas aventuras e história para imaginar...

#### **4-OBA! VAMOS FAZER LOGO A LIÇÃO PARA PODER BRINCAR LÁ FORA!**

Foi nos primeiros meses, lá estavam as crianças sentadas em suas carteiras fazendo a lição de português ou matemática, mas sei que era uma tarefa não muito agradável para se fazer. Havia crianças que ficavam andando pela sala, conversando com os colegas, outros estavam brincando com o estojo imaginando ser um carro, o lápis era um avião, a régua e a borracha em catapulta, e uma menina brincava de boneca e de casa, ou seja, o livro tinha se transformado em boneca, o armário em casa. E nada de realizar a tarefa. Essa situação estava me incomodando, porque elas queriam brincar e eu queria que elas realizassem a tarefa, então, soltei um grito de alerta e disse:

**- Crianças, vamos, vamos terminem logo a lição para brincarmos lá fora!**

De imediato, aquela criança que estava circulando pela sala, ou o outro que se encontrava brincando debaixo da carteira se levantaram e retornaram rapidamente aos seus lugares e gritaram **Obá! Vamos fazer logo a lição para podermos brincar lá fora!**

Nesse momento senti que houve uma comunicação mútua, passamos a falar a mesma linguagem, todos se comunicaram com seus olhares. Em questão de minutos todos passaram a realizar a tarefa de forma fácil e prazerosa, que alguns minutos atrás pareciam ser uma lição difícil e massante. Um fato interessante foi a ajuda mútua que surgiu entre elas, aquelas que terminavam a lição ajudavam aquelas que estavam atrasadas. Afinal sabiam que todos deveriam terminar a lição caso contrário ficariam na sala.

*-Por que o brincar lá fora foi um motivo tão significativo para elas terminarem logo a lição?*

Ao decorrer dos dias fui percebendo que o brincar lá fora é desejado quando a tarefa proposta não as interessa, ou seja, quando eu apresentava uma atividade de forma mecânica sem nenhuma introdução por brincadeiras, dramatizações, músicas, elas não realizavam a tarefa com prazer, muitos delas queixavam-se que era difícil e desmotivador. Esse fato foi um alerta para eu estar refletindo sobre a minha prática e resgatar as teorias estudadas, afinal eu estava inconscientemente escolarizando a educação infantil. Ou seja, estava

esquecendo da especificidade da proposta da educação infantil e estava adotando as propostas do ensino fundamental.

O que me veio em mente no momento das reflexões foram os estudos das pesquisadoras - professoras Ana Lúcia G. de Faria (1998) e Angela Barreto (1995) sobre Pedagogia e a política da Educação Infantil e da especificidade da educação infantil.

A Política Educacional Brasileira define a educação infantil no interior da Educação Básica, assim, não se trata de ensino, não deve ser escolarizada. Segundo a nova LDB, lei 9.394 de 20.12.92 em seu Art. 29º: *A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.*

Barreto comenta que *A Política Nacional de Educação Infantil estabelece dois conjuntos de diretrizes que visam à melhoria da qualidade: as diretrizes pedagógicas e as diretrizes para uma política de recursos humanos.*

*As diretrizes pedagógicas partem do pressuposto de que a melhoria da qualidade de educação infantil requer a implementação de ações sistemáticas, garantindo que todas as relações construídas no interior da creche e da pré-escola sejam educativas. Explicita-se, assim, a necessidade de que o trabalho seja orientado por propostas pedagógicas fundamentadas numa concepção de criança e de educação infantil e nos conhecimentos acumulados sobre os processos de desenvolvimento e aprendizagem na primeira etapa da vida humana. A criança é concebida como um ser humano completo, em processo de desenvolvimento, e, como todo ser humano, um sujeito social e histórico, que pertence a uma família, que está inserida numa sociedade, com uma determinada cultura, em um determinado momento histórico; que é marcada pelo seu meio social, mas que também, o marca. (1995:10)*

Ainda mais sobre a especificidade da educação de crianças 0 a 6 anos, a mesma autora diz: *considerando as particularidades da etapa do desenvolvimento compreendida entre zero e seis anos de idade, a Política reconhece como funções indissociáveis da educação infantil as de cuidar, complementando os cuidados e a educação realizados na família ou no círculo da família. Estabelece como objetivos da educação, nessa faixa etária, (1)*

*favorecer o desenvolvimento infantil, nos aspectos físicos, motor, emocional, intelectual e social; (2) promover a ampliação das experiências e dos conhecimentos infantis, estimulando o interesse da criança pequena pelo processo de transformação da natureza e pela dinâmica da vida social e, (3) contribuir para que sua interação e convivência na sociedade seja produtiva e marcada pelos valores de solidariedade, liberdade, cooperação e respeito. (1995:11)*

Faria defende a idéia de que *A política para a educação infantil deve ser plural e contemplar em diferentes tipologias os distintos interesses da sociedade, das famílias e prioritariamente os das crianças. (1998:01)*

Nesse mesmo artigo a pesquisadora propõe *Uma pedagogia de educação infantil que garanta o direito à infância e conseqüentemente o direito a melhores condições de vida para todas as crianças ( pobres, ricas, brancas, negras, indígenas, meninos, meninas, estrangeiras, brasileiras, portadoras de necessidades especiais, etc.) deve necessariamente partir da nossa diversidade cultural e portanto, a organização do espaço deve ser versátil e flexível.(...) Sejam creches, pré-escolas, parques infantis, etc, em todas as diferentes instituições de educação infantil para as crianças pequenas de 0 a 6 anos, o espaço físico expressará a pedagogia adotada. (1998:01)*

Enfim, essas estudiosas tem nos alertado para continuarmos atentas à especificidade da educação infantil e lutar pelo direito à infância de todas as crianças.

Sendo assim, ao meu ver, eu preciso estar sempre me vigiando para que a educação infantil não se transforme num ensino antecipado da primeira série do ensino fundamental. Mas devo sim, educar e cuidar das crianças através de brincadeiras e jogos em vários espaços da instituição construindo a Pedagogia da Educação Infantil e assim propor experiências ricas às crianças que possibilitem as manifestações do imaginário, a produção de saberes e o imprevisto.

*- Professora, o que você fez de diferente, o que motivou as crianças?*

Numa outra ocasião propus uma atividade semelhante a daquele dia, mas de forma diferente, com uma apresentação motivadora através de brincadeiras, palhaçadas, e participação do grupo.

Eu mudei a forma de falar, em vez de calmo, monótono, eu me imaginei ser um palhaço e comecei a falar alto, de forma escandalosa, dramática, com indagações e muito suspense. Afastei a minha mesa para o canto da sala e fiz do meu espaço um espetáculo, andava de um lado para outro, pulava, fazia cenas de assustada, de mágico e etc. Passei a fazer questões para que as crianças pudessem participar. Pouco a pouco as crianças começaram a me questionar sobre o tema trabalhado. Assim, com muita troca de informações desenvolvi a atividade do dia.

*- E qual foi o resultado que você obteve, professora?*

As respostas das crianças foram imediatas, logo quiseram realizar a atividade, todos estavam empenhados e concentrados nas suas lições. O tempo ficou curto e tive que suspender a atividade para a hora do lanche, e pedi para que entregassem a folha. Acreditem se quiser, fiquei parada esperando que entregassem a folha, mas não queriam entregar. Foi preciso tirar de um por um e ouvir as reclamações como: **Ah! Professora deixa termina! Que droga! Espera um pouco!**

Estas reações me instigaram a estar preparando melhor as minhas aulas, porque é muito gratificante poder ensinar as crianças de forma mais prazerosa, e para isso, é preciso estar muitas vezes atenta para mudar o planejado e principalmente buscar uma estratégia de imediato, fazendo palhaçadas, sambar, ser criança, expressar como uma encenação de teatro, falar alto, etc... enfim, usar a imaginação.

Através dessa prática fui percebendo e averiguando que as aulas, as atividades precisam tocar a criança, envolver o sujeito, provocar a curiosidade do pequenino, assim, poderemos estar mais próximo das crianças. Isto é, propor nas atividades: as brincadeiras, jogos, músicas, dramatizações e até mesmo palhaçada.

Outro dia e mais outros dias, ao chegar na porta da sala me deparava com as crianças sentadas e concentradas nas atividades que não conseguiram terminar antes do intervalo, outras entravam correndo na sala e alvoroçadas tiravam seus materiais para prosseguirem com as lições.

Ao entrar na sala alguns diziam Oh! Professora estou caprichando. Está certo! Muitos ao verem a minha expressão de alegria ou espanto se entreolhavam e davam um riso de satisfação.

*Por que as crianças tiveram essa atitude, será que o prazer pelo fazer a lição estava presente, ou há um outro ponto a questionar?*

Ao decorrer do dia fui analisando e refletindo sobre cada fato interessante ocorrido nas aulas, averiguando os desgostos das crianças numa determinada atividade, a alegria em outras tarefas e tentando sempre observar e buscar o que estaria causando a motivação e a desmotivação pelo aprender.

Acho que o querer aprender, o prazer de buscar as novidades, muitas vezes são impulsionados pelas atividades propostas, tais como: o brincar, o jogar, o criar, o expressar e o imaginar.

Enfim, devemos buscar uma forma de ensino que leve as crianças a gritarem: **Oba! Vamos brincar!** em vez de, **Oba! Vamos fazer logo a lição para poder brincar lá fora!**

## 5. A HORA DO LANCHE QUE MOMENTO É ESSE?

Caro leitor como você definiria o intervalo, o recreio, a hora do lanche?

É um momento para descanso, tomar um lanche, relaxar, bater um papo? Creio que teremos várias definições em comum.

São 10:00 horas da manhã, é a hora do lanche.

-Crianças, é a hora do lanche, vamos lavar as mãos!

Elas saem correndo para o pátio, umas correm pelo parquinho, outras vão para a pia, outras ficam observando ao seu redor, esse momento de se preparar para o lanche dura uns 10 minutos. Às vezes, convido algumas para me ajudarem a pegar o lanche, mas normalmente elas pedem **Sensei<sup>16</sup> posso ir pegar o lanche! Posso ajudar a distribuir o chá.** Há dias em que todos querem me ajudar e vêm correndo atrás de mim. Às vezes é preciso dividir em três turmas e definir quais irão me auxiliar em outros dias.

Lá vão correndo as crianças com as cestas de lanche para a sala e eu com a bandeja de chá. Ao entrar na sala, vejo alguns guardanapos voando pela sala, algumas crianças estão em cima da cadeira imitando gorila ou macaco, outras estão sentados observando o espetáculo, normalmente elas estão brincando com o guardanapo.

O guardanapo é um elemento significativo para as crianças, e para nós, adultos, é apenas um pedaço de pano.

Esse pedaço de pano se transforma em objetos animadores, como uma arma, um animal, um homem, fantasma, chicote, uma hélice, uma bola, enfim, tudo o que elas passam a imaginar. Fico parada observando esse momento. De repente, o Totoro aparece e me questiona.

- *Por que, brincar com o guardanapo?*

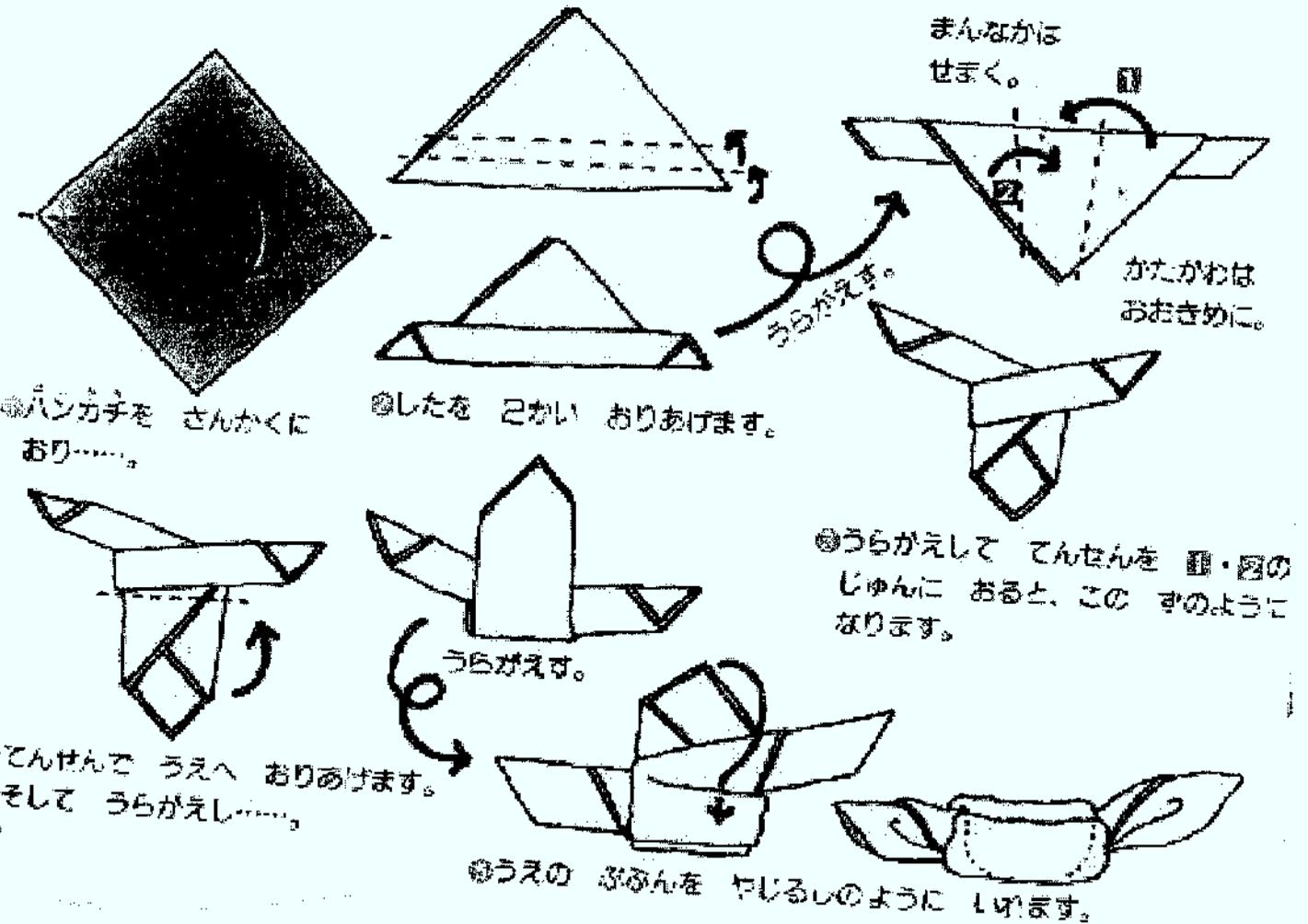
Fui conversar com a diretora e ela me informou que as professoras do jardim propõem brincadeiras com o guardanapo, talvez essa experiência tenha agradado as crianças e elas a mantêm até hoje.

---

<sup>16</sup> Sensei significa professora em japonês.

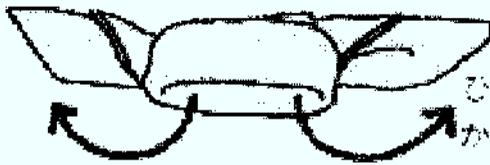
Veja algumas propostas de como brincar com o guardanapo.

### ねずみ

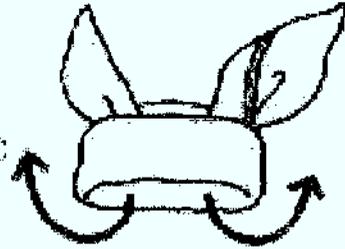


1. Dobre o guardanapo ao meio, formando um triângulo.
2. Dobre a base do triângulo duas vezes para cima.
3. Dobre como mostra a figura.
4. Dobre a ponta para cima.

⑤ したの くちを ひらき、  
ひっくりかえします。



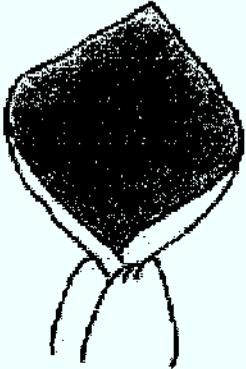
⑥ もう いちど ひっくりかえします。



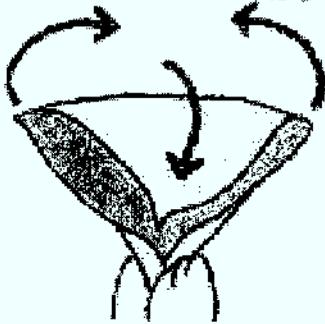
この 耳のように  
なったかな？



⑦ まず、ひきたして ひらばます。

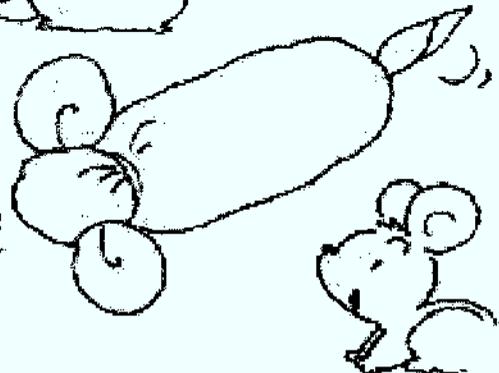
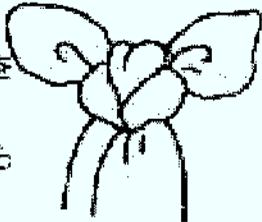


⑧ かとは うちがわへ おりこみ……



⑨ うえと したを ひ  
かえせば こきあが

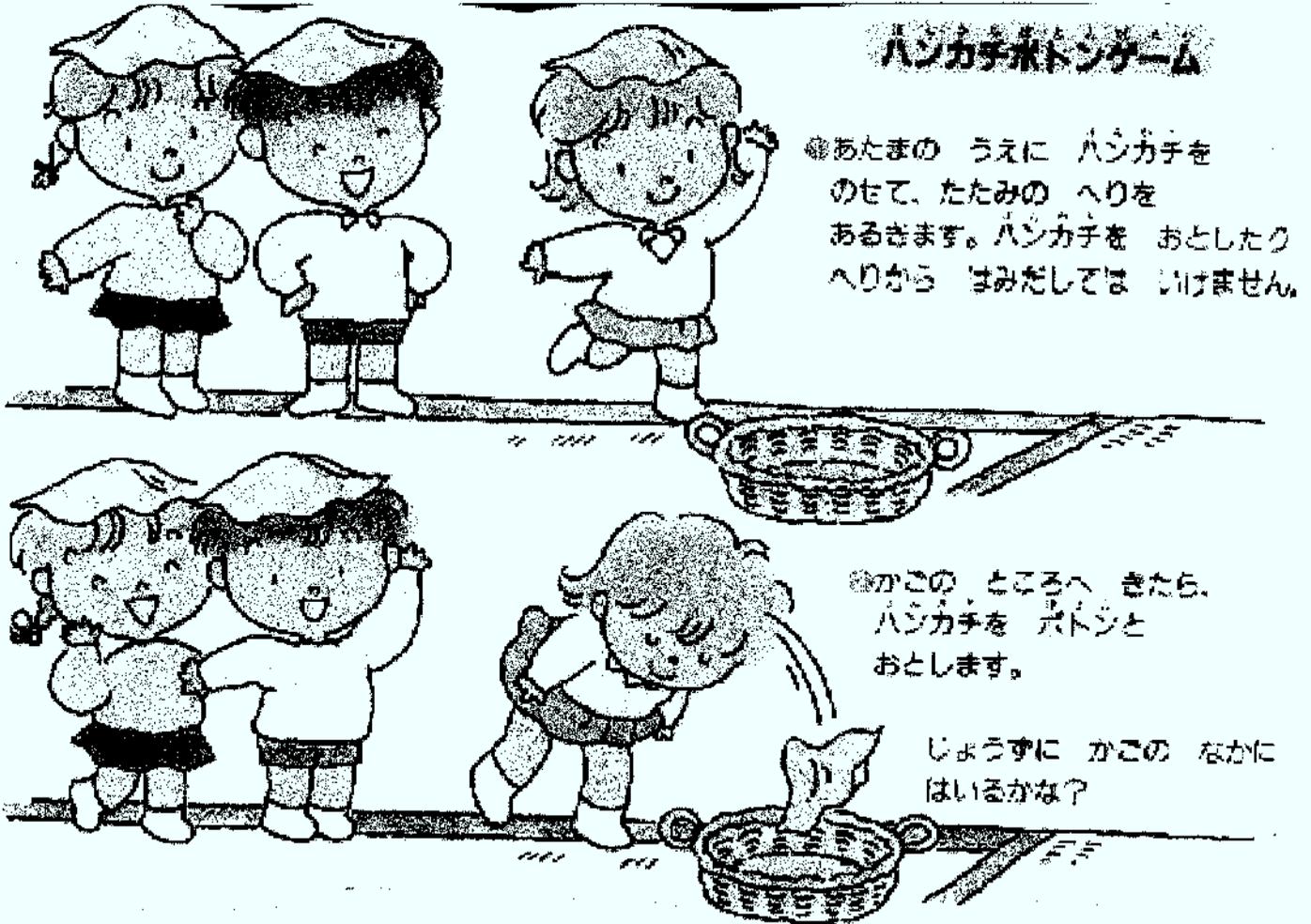
⑩ はしと はしを  
そこがわこ  
ひっぱりながら  
むすびます。



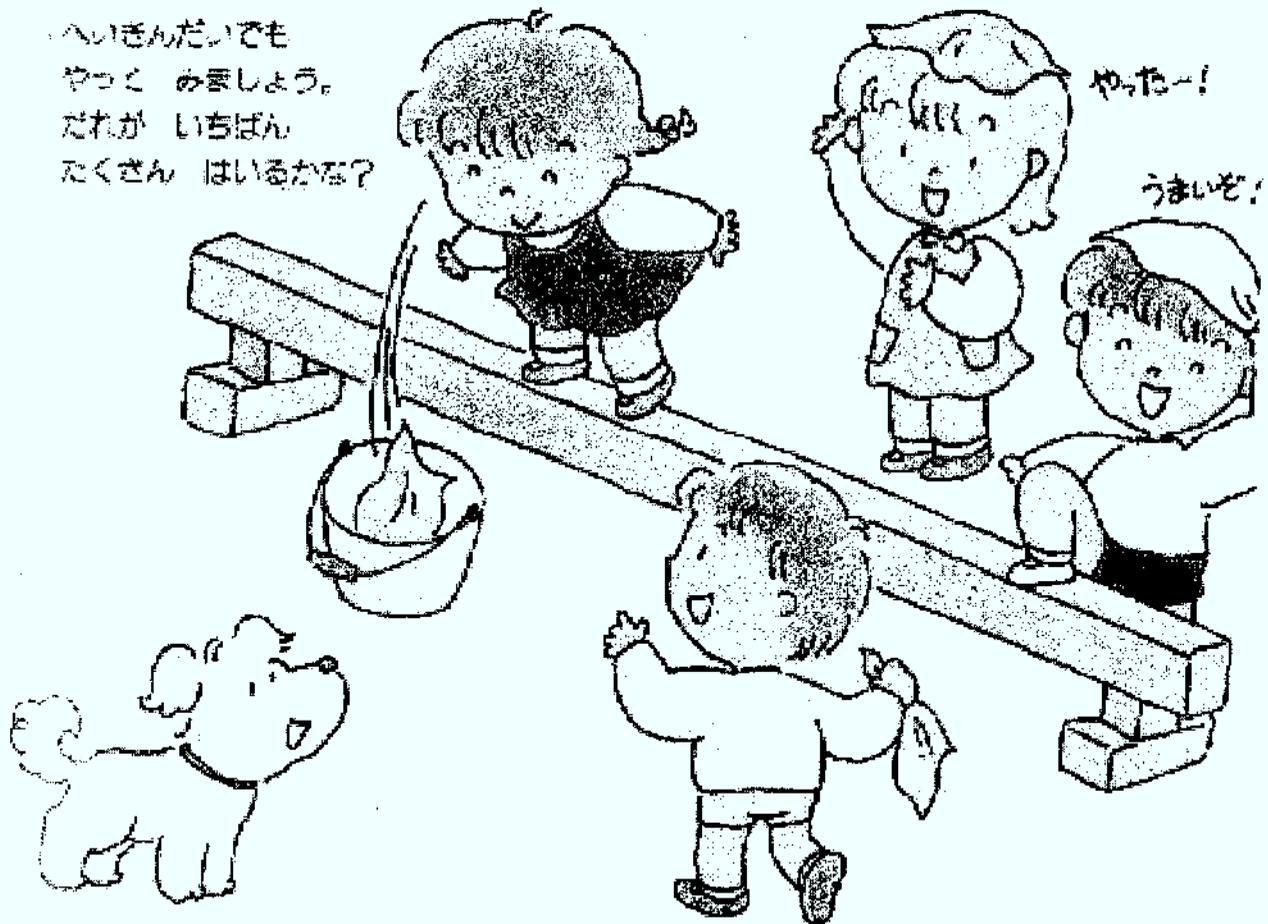
5. Vire o guardanapo e coloque a ponta como mostra a figura.
6. Vire as para cima como na figura.
7. Vire as novamente para cima.
8. Faça um nó na ponta maior.
9. Agora, vamos brincar com o rato.

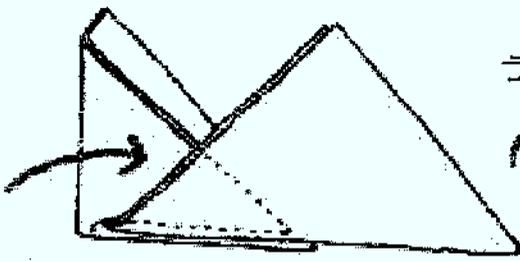
## Brincando de lenço ao cesto.

1. Forme dois grupos.
2. Cada membro do grupo deve colocar o guardanapo na cesta.
3. O grupo que terminar primeiro e tiver o número maior de lenço na cesta será o vencedor.

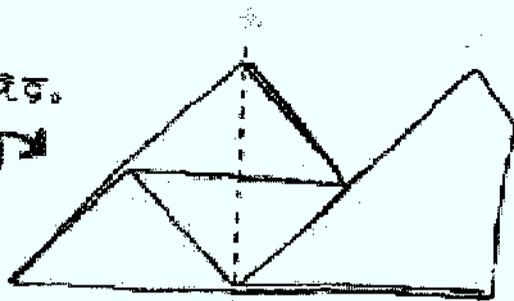


Outra forma de brincadeira.



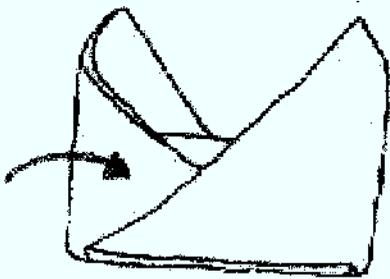


うらがえす。

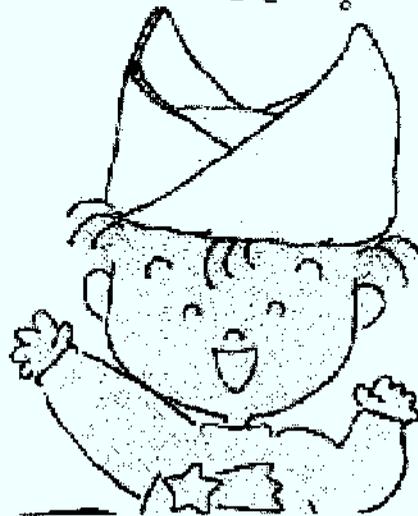


② また おなじように てんせんで たにおりに して……。

①の さんかくけい(三角形)の したに はさみます。そして、せんたいを うらがえし……。



③の したに はさみます。かたちを ととのえて、したを ひるげれば てきあがり。



えっへん!

きょうにゃー



*-Ah! No Japão as crianças fazem brincadeiras com o guardanapo, que proposta interessante.*

A brincadeira com o guardanapo das minhas crianças duram poucos segundos, porque a minha presença com o chá na mão significa para elas, **Opa está na hora de parar com a brincadeira e comer o lanche.**

Mas a brincadeira continua. Ao distribuir o chá e o lanche, algumas dizem:

**-Olha a minha bolacha é um óculos!**

O outro responde:

**- Ah! A minha bolacha é um carro!**

O brincar com as bolachas ocorre com muita frequência durante a entrega do lanche ou mesmo durante a degustação.

Elas adoram brincar quando é o dia de salgadinho, brincam tanto que esquecem de comer. Cada um passa a elaborar as suas brincadeiras, se eu tivesse uma máquina fotográfica faria um álbum com o tema a escultura de um lanche.

Os salgadinhos parecem ser aquele brinquedo chamado Lego ou Pinos para montar, elas começam - **Sensei olha o meu carro!**

**-Sensei olha vou comer a cabeça do caracol!**

**-Ei! Olha o meu anel!**

**-Oh! A minha torre vai cair!**

**-Ah! Eu fiz o número oito, sensei é oito não, é?**

**-Vamos fazer uma cobra!**

Enfim, eu fico hipnotizada com as brincadeiras delas. Afinal são muitas cenas que cada uma elabora e manifesta o imaginário no salgadinho.

Esse fato me faz questionar, por que a necessidade de brincar com o lanche?

Questiono para a sala o que é a hora do lanche, algumas responderam **É hora de comer, hora de escovar os dentes.** Interferi perguntando se a hora do lanche é hora de brincar, elas responderam:

**- Não, não pode brincar na hora do lanche.**

**- Vocês gostam de brincar com a bolacha ou salgadinho?**

**-Não , não brincamos na hora do lanche, só depois de escovar os dentes.**

Tentei mostrar que elas brincam na hora do lanche, mas elas não concordaram.

*-Será que as crianças não sabem o conceito de brincar, ou não querem assumir que brincam para não receberem uma advertência?*

*-Quem ensinou para elas que não podem brincar na hora do lanche, os pais, os professores ?*

*- Caro leitor, o que você acha desse fato?*

É hora de guardar o guardanapo e se preparem para escovar os dentes. Agora as escovas de dentes se transformam em aviões e charutos, a pasta dental se torna uma minhoca ou cobrinha e o copo se transforma em luva de boxe, mão de robô, enfim, a todo momento os objetos se transformam em motivo de suas brincadeiras.

As suas brincadeiras são suspensas pela minha voz. -Vamos cantar a música para agradecer pelo alimento. Elas já ansiosas para escovarem os dentes cantam .....

Obentoo, obentoo<sup>17</sup> ...

おべんとう！おべんとう！うれしいな

Saem correndo com os seus copos e a escova na boca, não temem o perigo de caírem e de se machucarem, é preciso estar alertando-a a todo momento.

*-Elas não temem o perigo ou vêem apenas um espaço livre para correr?*

Então, o imaginário aparece muito no momento do lanche, e é interessante observar a criança manifestando esse imaginário, porém, ainda não consegui observar a manifestação do imaginário que aponte a fusão das duas culturas (como sugeriu a professora Kishimoto durante a entrevista). Talvez possa observar essa fusão das duas culturas em outros momentos como no parquinho, na hora de ir embora etc.

---

<sup>17</sup> Obentoo significa lanche.

Bem é o fim da hora do lanche, se alguém me questionar, qual o significado do momento do lanche? Responderia que é um momento precioso para um professor conhecer melhor o seu aluno, a criança que tem dentro de seu aluno.

E para você, o que é a hora do lanche?

## **6- PARQUINHO, UM ESPAÇO ESQUECIDO PELOS PROFESSORES.**

Pouco a pouco o parquinho passa a se encher de crianças. Normalmente são as crianças da turma do pré que invadem os brinquedos e depois as outras crianças menores de 2 a 4 anos.

As três balanças são ocupadas rapidamente pelos maiores, os meninos gritam sendo os marinheiros, heróis, soldados, as meninas também balançam testando o desafio.

As gangorras estão ocupadas, por seis crianças em uma e a outra por duas. Os pequeninos gritam, riem e se divertem no vai vem da gangorra.

No escorregador as crianças se penduram nas barras de ferro, sobem até o topo e se equilibram, os meninos normalmente brincam de soldados escorregam no escorregador e fazem continência, as meninas juntam um monte de semente de coqueiro e ficam jogando pelo escorregador, os pequeninos de 2 anos (meninas e meninos) ficam pegando as bolinhas que escorregam e devolvem para as meninas que novamente as jogam pelo escorregador. Assim, elas se divertem.

No trepa-trepa, meninos e meninas brincam nas barras e ficam disputando quem vai cair primeiro. Outras andam por cima do trepa-trepa. Parecem uma colônia de formiga que vai e vem, por cima e por baixo.

Há outros brinquedos como: o cavalinho de mola, a barra de virar cambalhota, escada de ferro e barra de escorregar, nesse último brinquedo, as crianças brincam de bombeiro.

Além desses brinquedos temos duas traves para jogarem futebol e duas cestas de basquete, tanto as meninas ou como os meninos brincam juntos de futebol, basquete, queima...etc.

A outra maior diversão é brincar na areia. Há crianças que deitam na areia como se estivessem na praia, ficam de barriga para baixo como se estivessem nadando. Sentem-se livres nesse espaço. Elas brincam também, com pote de margarina, copo de plástico, garrafas vazias de refrigerantes, sacos plásticos, rodas de pneu e muita água. No parquinho há uma pia com três torneiras que não ficam fechadas. Fazem a festa com as torneiras abertas. Com todos esses materiais fazem castelos, fortalezas, piscinas, bolo, todos juntos (os maiores com as menores, meninos e meninas).

Segundo Bandet & Sarazanas *Os materiais mais vulgares estão, por vezes, na origem de brincadeiras muito variadas e atraentes: a terra, a areia, a água, o ar, a luz são utilizados no jogo, bem como elementos naturais, provenientes de plantas e animais; estes últimos são por si mesmos, freqüentemente, uma espécie de brinquedos. (1973:30)*

Outro dia no parquinho, umas cinco crianças, fantasiaram-se não sei bem ao certo do quê. Acho que era de índio. Pegaram umas folhas de coqueiro e prenderam na calça ou atrás da orelha. Um deles pegou um pneu e o outro trouxe um pedaço de galho, juntaram-se ao redor e começaram a fazer alguns gestos e saíram correndo. Ficou apenas uma criança, suponho que era o chefe. Ela ficou misturando com o galho dentro do pneu e as outras traziam semente de coqueiro, pedaços de folha, água, areia. Enfim, vários elementos que achavam no parquinho, jogavam dentro desse pneu.

De repente, um outro membro trouxe uns dois pneus. Colocaram ao lado do outro, todos entraram e fizeram gestos de que estavam remando. Essa brincadeira durou três dias seguidos. No último dia, aproximei-me e perguntei se poderia participar da brincadeira. Responderam que sim, e perguntei ao chefe o que estavam fazendo. Disseram: **feitiçaria**. Fiquei parada olhando. Não me pediram para fazer nada e nem me propuseram como brincar com elas. Acho que eu não fazia parte dessa brincadeira. Saí de mansinho.

Tizuko Kishimoto afirma: *O vocábulo brinquedo não pode ser reduzido à pluralidade de sentidos do jogo, pois conota a criança e tem uma dimensão material, cultural e técnica. Enquanto o objeto, é sempre suporte de brincadeiras. É o estimulante material para fazer, fluir o imaginário infantil" (1995:51)*

Um outro dia eu estava ensinando uma criança a deslizar no escorregador e um menino aproximou-se e me cutucou. Virei para ele, e este me apontou para o chão. No chão eu vi uma folha coberta de areia e o cabo apenas para fora. Perguntei a ele o que era, pediu para que eu abaixasse e sussurrou no meu ouvido falando que **O jacaré está dormindo e o rabo dele está para fora**. Uma simples folha havia se transformado em jacaré e o rabo dele era o cabo da folha.

Entreí na brincadeira do menino de apenas dois anos. Disse a ele que eu tinha medo do jacaré e que não podia acordá-lo. O menino deu um sorriso.

Virei para continuar auxiliando a menina, e o menino me cutucou falando UAA! Ao virar para ele, lá estava o jacaré na ponta daquele pequeno dedo, dei um grito de medo e o jacaré começou a me morder UAA! UAA! O menino fazia que o jacaré me mordida e ao mesmo tempo ria e pulava de alegria. Mas, de repente uma criança se aproximou e tomou de suas mãos rasgando a folha.

A expressão do pequeno garoto que estava rindo se fechou com o espanto. Cruza os braços, abaixou a cabeça e começou a chorar.

Uma outra criança, uma menina de 5 anos, trouxe-lhe uma outra folha. No entanto, o menino de 2 anos pegou-a e jogou-a no chão, ignorando-a totalmente.

*Professora, o imaginário ocorre com qualquer objeto e a qualquer momento? O objeto que fez parte do imaginário é substituível, ou não?*

*-Por que o menino, não quis continuar a sua brincadeira com uma outra folha?*

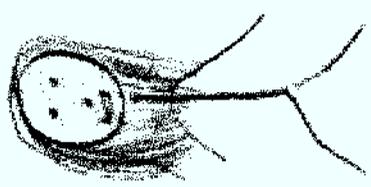
Totoro, não tenho elementos suficientes para estar respondendo essas perguntas. Apenas sei que é no parquinho que muitas coisas acontecem e lá é também, um espaço para as crianças manifestarem o seu imaginário.

Parece que a nova folha não era o jacaré original.

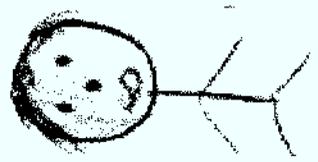
Nesse capítulo inseri alguns desenhos feitos pelas crianças que tratam do espaço da escola.

Isto é, pedi a elas para desenharem a escola e as pessoas da instituição. O resultado foi que as crianças desenharam o parquinho, e as pessoas no parquinho, através desse desenho pude perceber que a pré-escola é vista como um espaço para brincar.

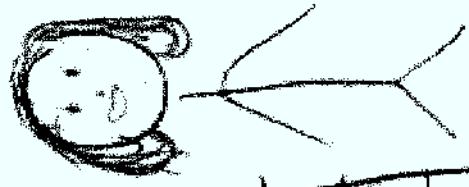
Relembro: o que está escrito nos desenhos foi ditado pelas crianças e anotadas por mim.



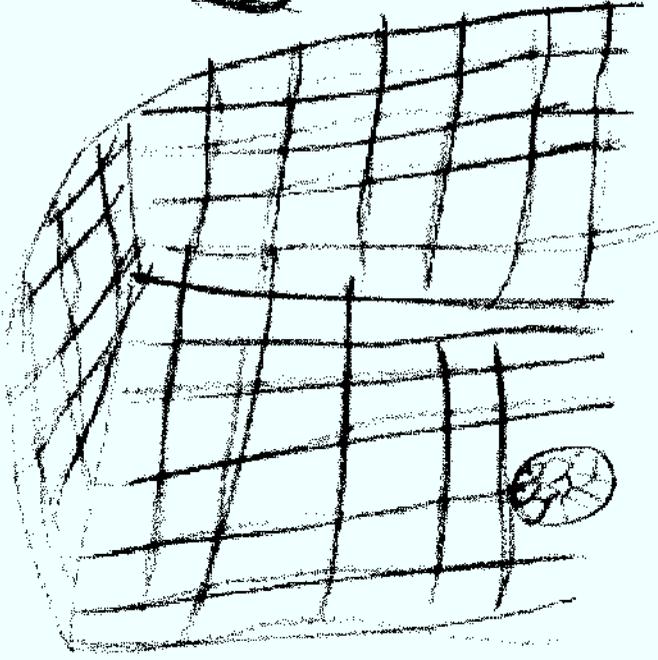
Janet  
Cynthia



William  
John



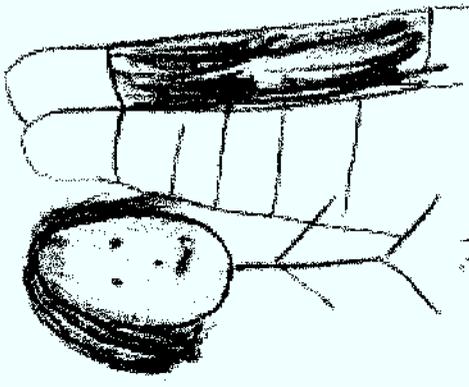
Janet  
Cynthia



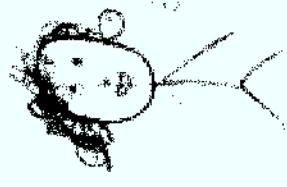
William  
John



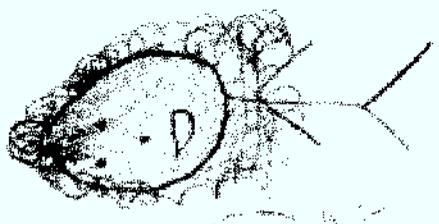
William  
John



Alton  
Cynthia



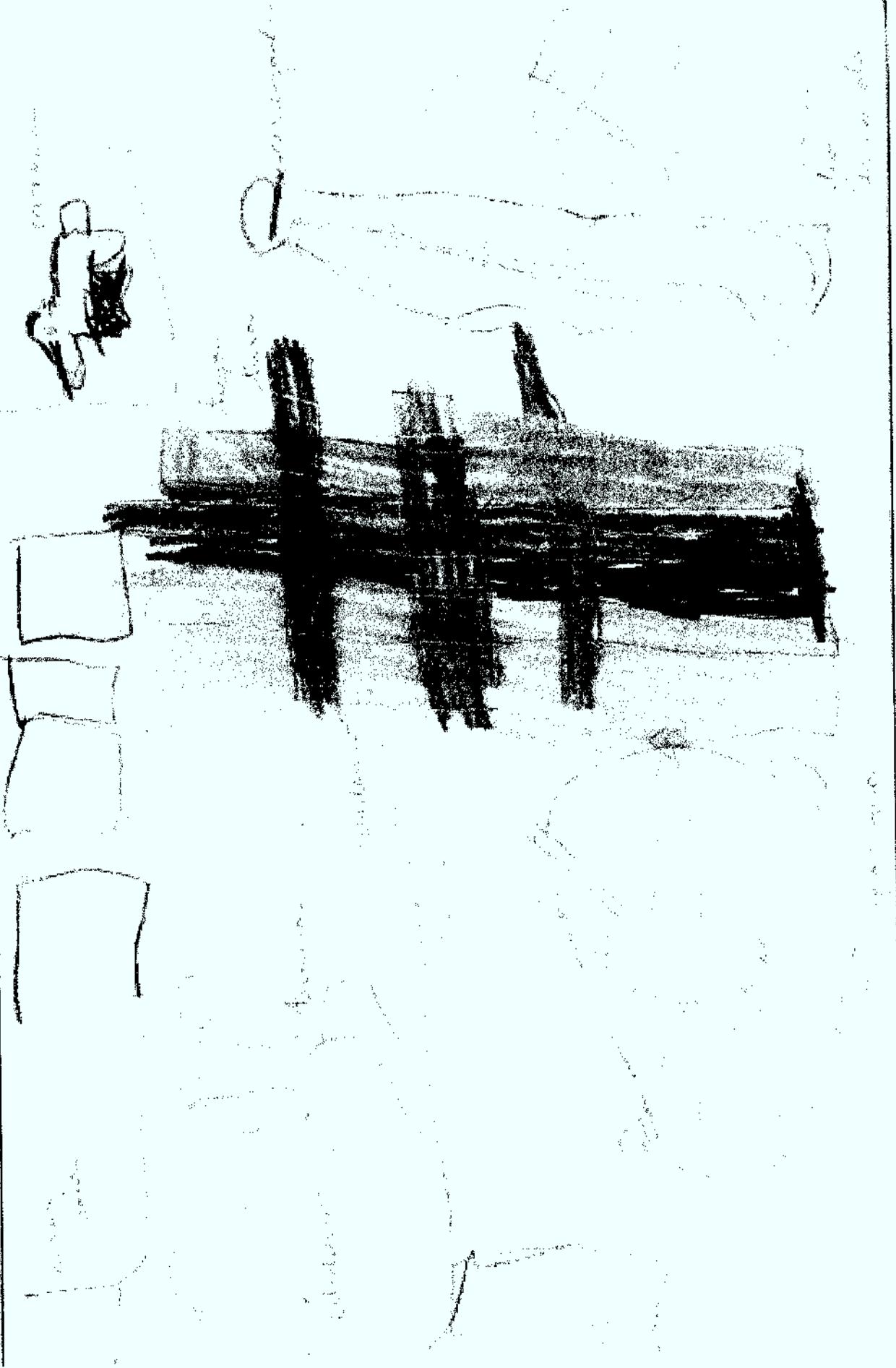
William  
John



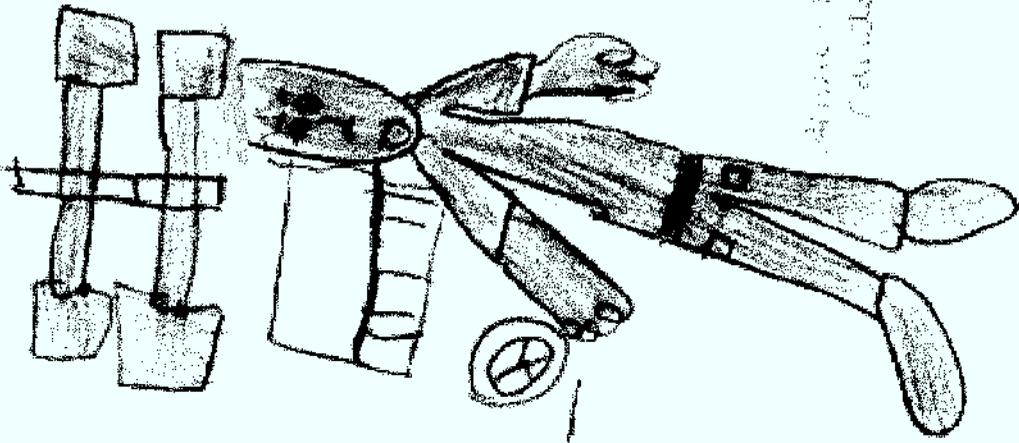
Alton  
Cynthia



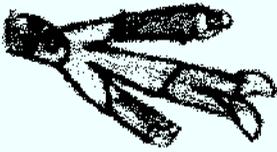
**NOME: \_\_\_\_\_**  
**ESTUDOS SOCIAIS: Vamos conhecer a escola?**



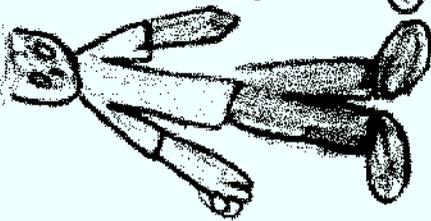
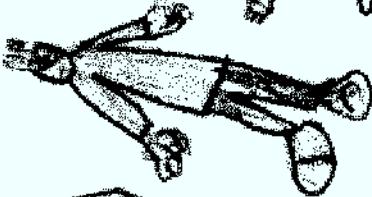
Handmade  
Puppets



Handmade

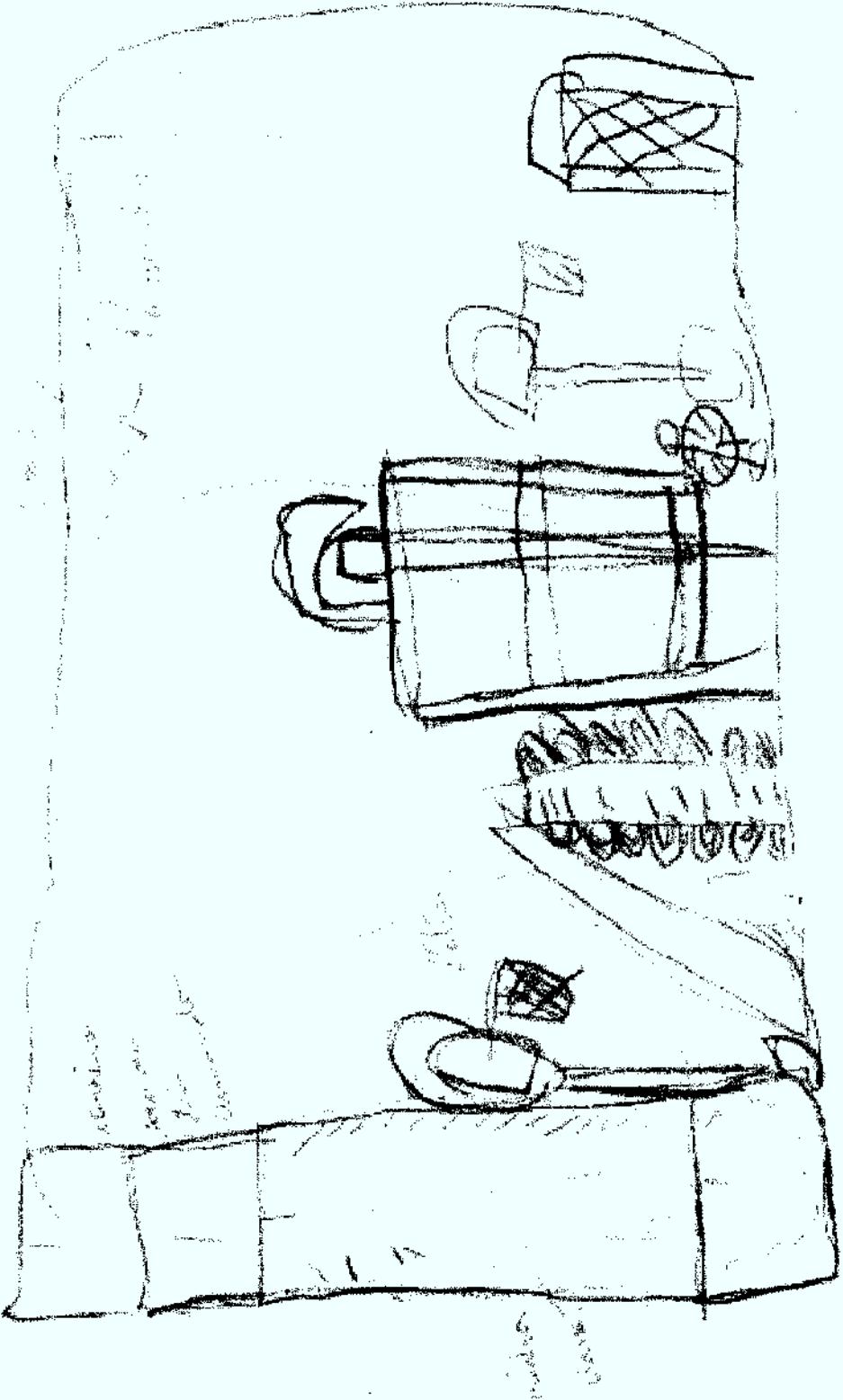


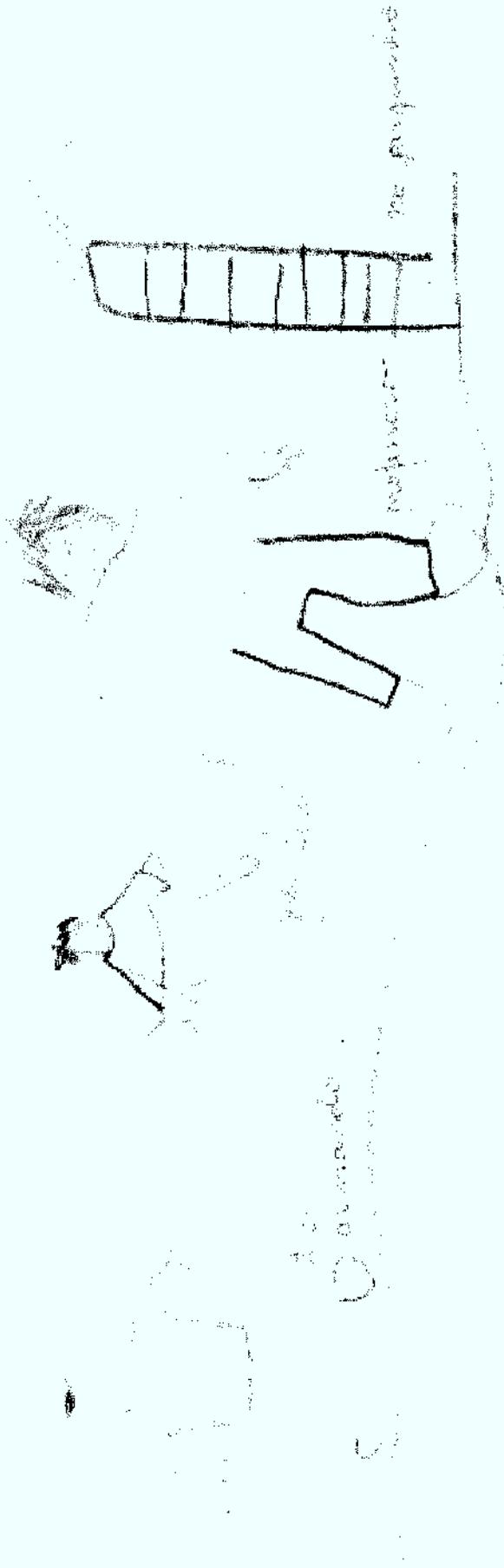
Handmade



Handmade

NOME: Henrique da Silva  
ESTUDOS SOCIAIS: Vamos conhecer a escola?



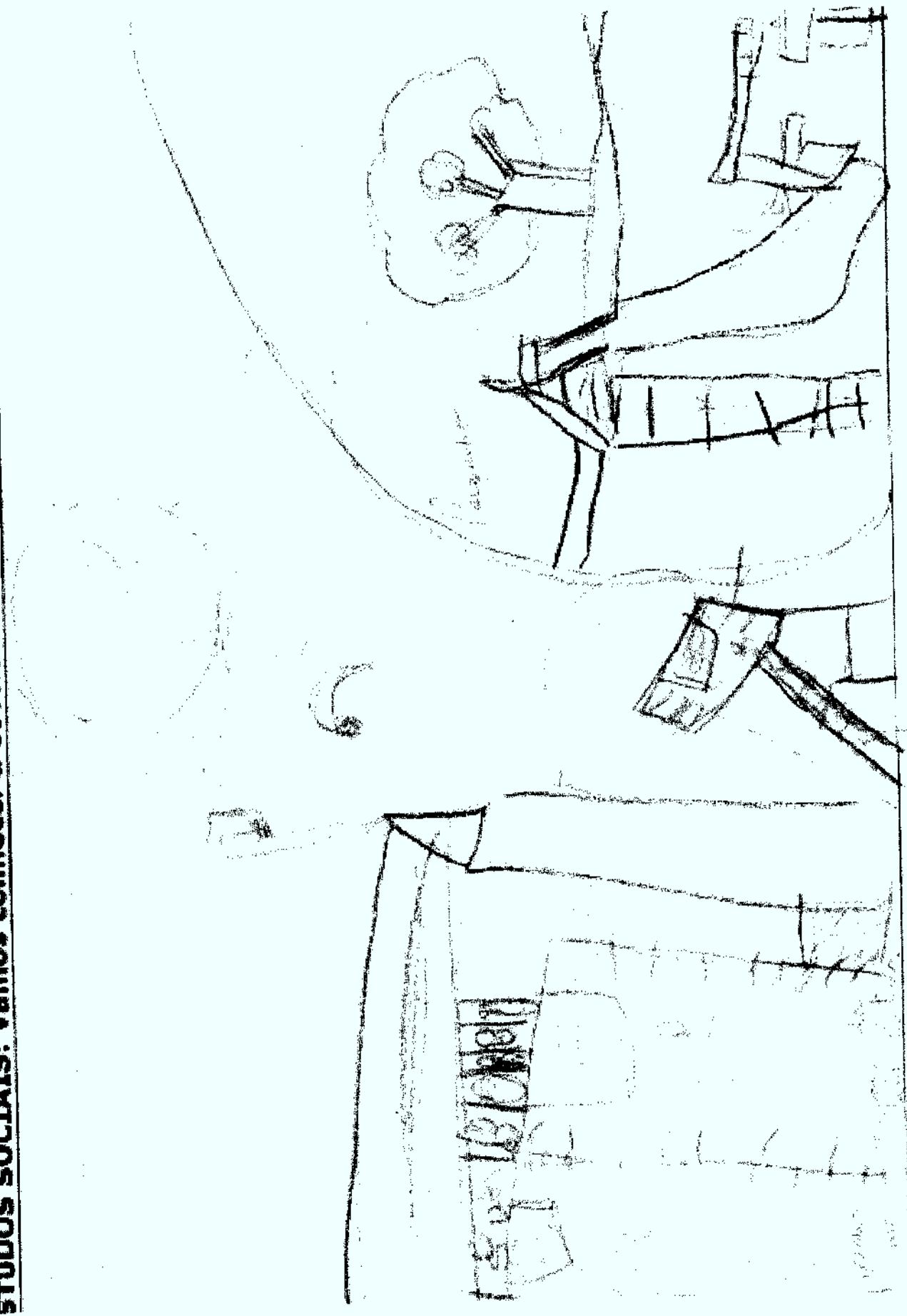


Handwritten text, possibly a signature or name, located below the sketch.

**OME: Patrícia Dutra**  
**STUDOS SOCIAIS: Vamos conhecer a escola?**

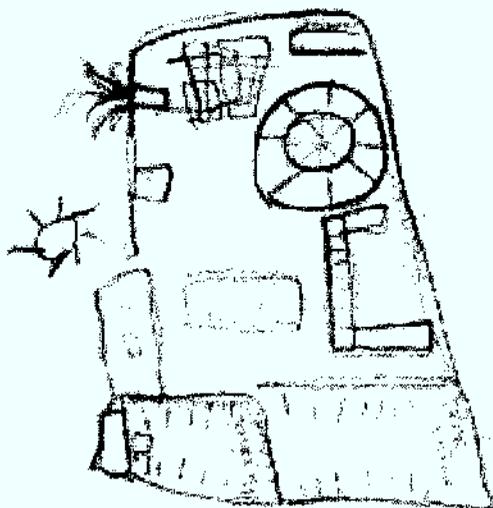
16/06/2016

16/06/2016



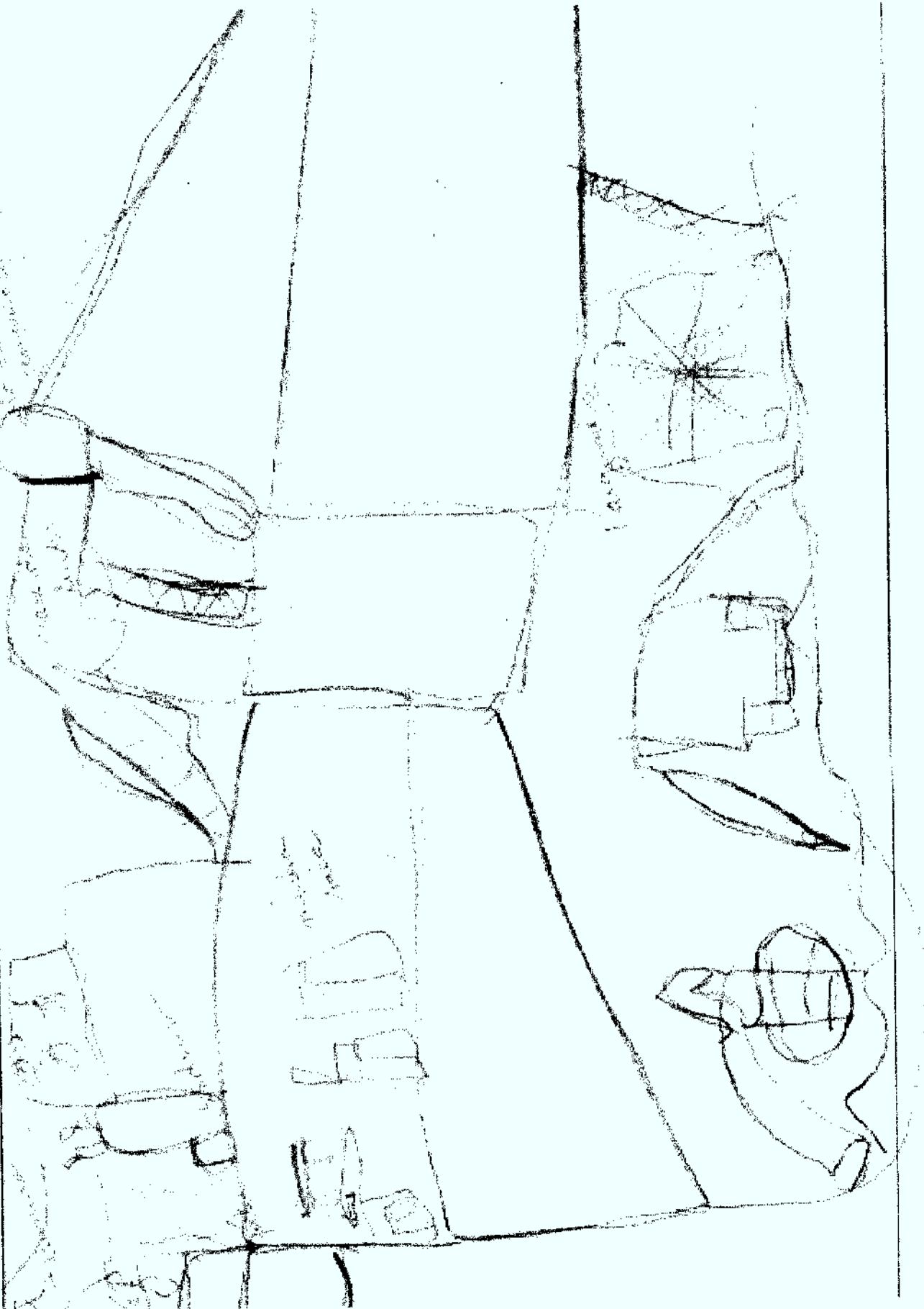
NOME: YUSUO

ESTUDOS SOCIAIS: Vamos conhecer a escola?



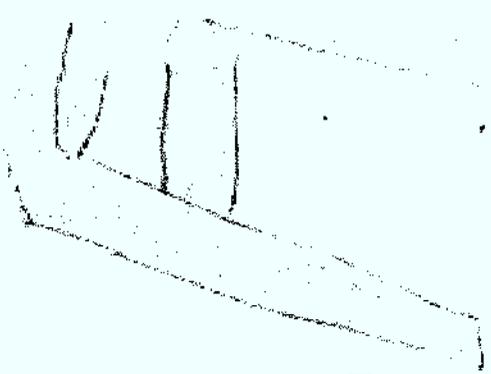
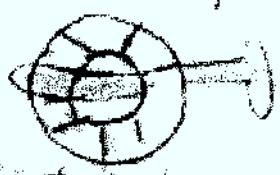
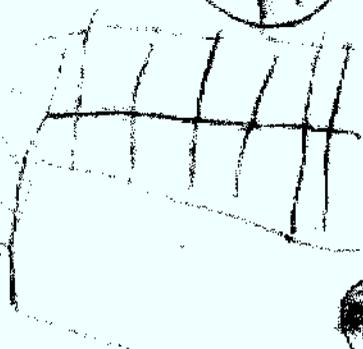
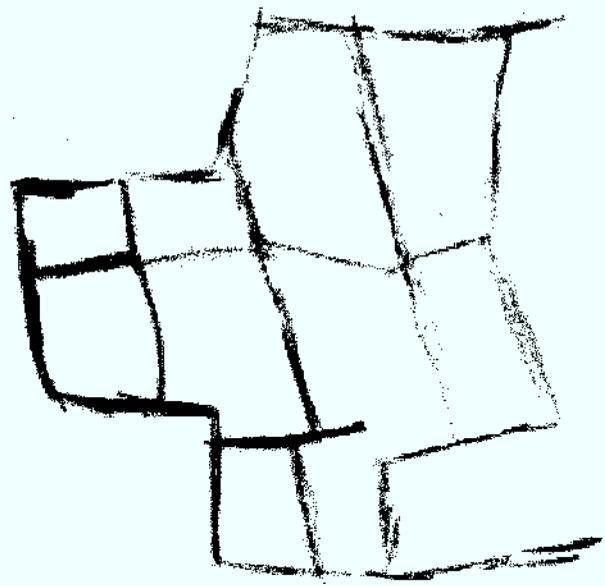
NOME: *Leandro*

**ESTUDOS SOCIAIS: Vamos conhecer a escola?**



ME: MARILINA

TUDOS SOCIAIS: Vamos conhecer a escola?



**7-ORIGAMI? O QUE VAMOS FAZER...? Já sei um avião, um homem, não um caranguejo!**

*-Professora o que é um origami<sup>18</sup>? Por que essa atividade é proposta para as crianças?*

ORIGAMI é um artesanato criativo tridimensional onde são feitos flores, pássaros, animais, etc, com pedaços de papéis quadrados coloridos. Tem sido praticado por crianças e adultos há muito tempo. Muitos de nós temos lembranças felizes de infância quando nossas mães e avós dobravam os papéis quadrados coloridos em várias figuras.

Origami possui uma longa história no Japão. Originalmente eram usados em cerimônias Shinto. Ainda hoje, existem amostras de origami como objetos de adoração religiosa e cerimônias em geral. Mais tarde, quando o origami se popularizou, ele se transformou em um passatempo e "hobby".

Desde a era Meiji (1868-1912) quando o origami foi adaptado como um material de ensino nas escolas, as figuras tem aumentado de variedade e complexidade. Dizem que essa tradição fascinante estimula o cérebro pelos rápidos e delicados movimentos dos dedos. Ele tem se popularizado não só no Japão mas em outros países também.

*-Achei interessante essa arte de dobrar o papel. Andréa como você ensina o origami para as suas crianças?*

Totora para você saber como eu ensino o origami, descreverei uma atividade.

Depois de um intervalo de muitas brincadeiras, as crianças entram suadas na sala. Às vezes com a roupa suja e molhada de água e areia, ainda agitadas procuram sentar-se em suas carteiras.

Começo a distribuir um papel de dobradura de formato quadrado para

---

<sup>18</sup> Origami significa dobradura de papel em japonês.

cada uma. Pouco a pouco elas começam a se acalmar pela curiosidade e algumas começam a dizer:

- **Sensei é origami?**

Outra criança responde:

-**Sensei vamos fazer origami, não é?**

Eu respondo que sim , e elas gritam:

-**Oba! Vamos fazer origami.**

As mais curiosas perguntam;

- **Sensei o que vamos fazer?**

Digo a elas:

-Surpresa!

Umhas crianças olham para outras com aquele sorriso de suspense e indagação, umas perguntam para outras:

- **O que você acha que vamos fazer?**

Nesse momento as crianças começam a fazer deduções do que irão construir com um simples papel quadrado.

Peço para explorarem o material quanto a sua forma, a sua cor, se é um papel diferente, no que difere de outros papéis que já conhecem.

Começo a transformar o papel em um triângulo. Pergunto a elas o que devo fazer para que um quadrado se transforme num triângulo.

Elas respondem:

-**Dobra o papel com essa e essa ponta.**

-Muito bem, agora coloquem a ponta do triângulo para cima e a parte da reta maior para baixo.

-**Assim Sensei!**

-Isso mesmo. Passem o dedinho várias vezes sobre a parte de baixo do triângulo.

Ao formar o triângulo algumas crianças começam a brincar fazendo de conta que é um chapéu, um barco, sanduíche.

Peço para abrirem o triângulo e pergunto se vêem um risco no meio do papel.

-**Sim!**

---

Agora peguem um dos lados da folha e dobrem até esse risco.

**-Como Sensei?**

- Olhem para o meu papel, e tentem fazer, conseguiram?

**-Ah! Vamos fazer um avião!**

-Isso mesmo, dobrem como se estivessem fazendo um avião.

**-Já sei, é um avião não é sensei!**

-Não, não iremos fazer um avião!

**-Então, o que é Sensei!**

-Surpresa!

-Dobrem da mesma forma a outra ponta do origami,

**-Aha há! Ficou um balão.**

**-Não, é um pião.**

-Agora dobre novamente o papel ao meio, conseguiram?

**-Sim!**

Vamos fazer um outro igual a esse, lembrem-se como começamos a dobra?

**-Mais ou menos. "Sensei faz pra gente" !?**

Repito, novamente o processo para fazer o mesmo origami. Agora a construção é mais rápida, por que algumas já sabem a seqüência. Aquelas que terminaram rápido de fazer o origami, peço que ajudem os colegas que não estão conseguindo, para uma rica socialização.

Terminado os dois origamis, peço que peguem um deles e dobrem as extremidades para cima, e o outro deve ser dobrado para baixo.

**-Olha é um homem, vamos lutar?**

**-Vamos....**

-Todos conseguiram fazer?

**- Sim!**

-Peguem o origami que as pontas estão para baixo encaixem dentro do outro origami que tem as pontas para cima.

**-Assim, Sensei!**

- Muito bem, está certo.

**-Ei é um caranguejo!**

**-Sensei é um caranguejo?**

-Acertou!

**-Ei cara vamos brincar?**

**-Vamos...**

**- Sensei o meu está pronto, posso ajudar o meu amigo?**

Respondo que sim e o elogio pela sua atitude.

Terminado o origami, entreguei uma folha de atividade, em que as crianças trocaram muitas idéias para desenhar, pintar e colar o caranguejo.

Essa atividade foi muito interessante, porque ao mesmo tempo que me divertia com as construções das crianças, eu passava a conhecer as dificuldades e as potencialidades de cada uma delas, podendo assim, compreender e ajudá-las da melhor forma possível. A observação é um dos principais instrumentos de trabalho da professora de educação infantil que pretende conhecer a criança e produzir a Pedagogia da Infância.

*-Parece que o origami propõe às crianças a manifestação do seu imaginário?*

Acho que sim, as crianças ao dobrarem um simples papel acabam fazendo desse papel um brinquedo que faz manifestar o seu imaginário. É emocionante vê-las brincando no seu mundo imaginário.

*Experimente fazer origami com suas crianças. Você irá se divertir muito!*

## 8-SENSEI SAYONARA!

É o fim da atividade escolar, toca se a música e as crianças se preparam para irem embora.

Kishimoto, diz em seu texto, **Brinquedo e brincadeira na educação infantil japonesa: Proposta curricular dos anos 90**, que *No Japão, se a norma diz que a brincadeira deve terminar quando chega a hora do **katazuke**<sup>19</sup>, rapidamente as crianças começam a arrumar o espaço.* (1997:73) Nessa pré-escola isso é freqüente na hora de preparar o lanche, na hora de guardar os brinquedos, os materiais ...etc.

É o momento de ir embora...

Algumas crianças rapidamente guardam as pastas e correm para a porta da sala com as suas mochilas.

No entanto, outras ignoram a música e continuam fazendo as atividades.

Eu vou guardando o meu material e vou avisando a turma:

-Vamos, vamos já tocou a música para irmos embora, entreguem a folha de atividade para mim, e arrumem os seus materiais!

**-Não, sensei, deixa eu terminá!**

Respondo:

-Não, amanhã vocês terminam!

**-Sensei, você promete que vai dar amanhã para eu terminá!**

-Sim, eu prometo. Vamos, arrumem-se, que as outras turmas estão nos esperando para poderem ir embora.

**-Tá bom, sensei!**

Elas se conformam e arrumam rapidamente os seus materiais.

*-Professora, por que as suas crianças não queriam ir embora?*

-Totoro, ao meu ver, elas não queriam ir embora, porque estavam envolvidas nas atividades. E isso é muito gratificante para mim.

*-Como assim, é gratificante?*

Sinto-me realizada ao ver as "minhas" crianças motivadas em realizar as atividades. Assim, elas podem aprender de forma tranqüila e harmônica.

*-É todo dia que isso ocorre?*

Nos primeiros meses, elas viviam me perguntando o momento de ir embora. Não queriam fazer as atividades, reclamavam que estavam cansadas ou com dor de cabeça.

Mas com o decorrer dos dias, deixaram de perguntar as horas e passaram a se envolver mais nas atividades, deixando de reclamar das dores de cabeça, do cansaço etc.

*-O que foi que aconteceu, para ocorrer tal mudança?*

Totoro, cada vez mais tenho constatado, que a mudança da minha prática levou a esse resultado. As crianças gostam de brincar, de fazer palhaçadas, por isso, na hora de apresentar as tarefas é preciso inserir muita diversão e brincadeiras. Com essa prática, elas querem aprender e aprendem de forma gostosa e agradável.

Uma outra atividade que elas gostam e não querem deixar de fazer são as horas de histórias, vídeos, recreação, brinquedo, modelagem de massa etc.

Acho que com a prática e as experiências adquiridas nessa pré-escola estou aprendendo melhor sobre a infância e entender o que as crianças gostam e o que não interessa a elas.

Assim, tenho procurado propor atividades que estimule a criança a querer retornar para a pré-escola a todo momento. Acho que dessa forma poderei criar um vínculo mais seguro e gratificante entre a pré - escola e o sujeito.

Um dia qualquer na hora da saída, um menino de 2 anos ficou chamando o diretor, e este não o ouviu, porque estava despedindo das outras crianças. O pequenino foi até o diretor e de leve puxou a barra da calça para chamar a sua atenção e lhe disse:

-Sayonara! com um sorriso alegre e vistoso.

O diretor ficou tão alegre que o retribuiu com um abraço e lhe disse:

-Sayonara, com um tom de voz amável carregada de carinho.

A criança saiu correndo alegremente para o portão.

Eu comecei a observar melhor a saída das crianças e percebi que esse gesto como o do menino com o diretor, acontece também, com as outras crianças e professoras.

---

<sup>19</sup> Katazuke significa arrumar, colocar em ordem, limpar em japonês.

Então, quando as crianças se despedem e dizem: "Sensei, Sayonara!" esse Sayonara, não é um adeus, mas sim até amanhã para uma outra brincadeira. Brincadeira esta que as levem a expressar com toda intensidade os seus pensamentos, sensações, sentimentos, gosto... Enfim, estimular sua curiosidade pelo mundo que as cercam.

Portanto, atrás da frase Sensei sayonara! se esconde muitas coisas ...é por isso, quis incorporar esse ponto no meu trabalho.

Acho que essa instituição tem se aproximado ao que Marcelino tem defendido em seu livro **A Pedagogia da Animação** que trata de uma proposta que reconhece as relações de lazer-escola e processo educativo.

Precisamos criar mais espaços, mais pré-escolas que dêem prazer, satisfação de estudar, de aprender, de dialogar com o professor(a), de brincar... e não uma escola que cause revolta, repelência, ou desgosto pelo aprender.

Marcelino diz:(...) *Acredito que negar a possibilidade de manifestação do lúdico é negar a esperança. E ao negar a esperança para a faixa etária infantil, a sociedade nega para si, como um todo, a esperança de um futuro novo.*(1990: 57)

## 9- FIM DE UMA JORNADA UM NOVO OLHAR PARA UMA PRÓXIMA AVENTURA.

Fazer essa pesquisa foi muito importante para a minha formação pessoal e profissional. Porque os estudos e as observações realizadas me levaram a conhecer melhor os temas: pré-escola, cultura japonesa, imaginário, criança pequena e brincadeira, me envolvendo a tal ponto, que passei a ter mais prazer em ser uma professora de pré-escola e estudante de pedagogia.

Para a apresentação desse trabalho, procurei abordar os pontos mais relevantes da pesquisa em capítulos, isto é, cada capítulo descreve situações sobre o imaginário e o cotidiano da pré-escola.

*-Andréa, em que momentos você observou a manifestação do imaginário?*

A manifestação do imaginário foi observado na hora do lanche, no parquinho, na atividade com o origami, na sala de aula, durante a ginástica. Enfim, em vários espaços da pré-escola.

*-Como você realizou as observações?*

-Para observar as manifestações do imaginário foi preciso primeiro educar os meus olhos, caso contrário, não teria observado e analisado as observações de forma adequada.

*-Como assim?*

O estudo da teoria me ajudou muito para compreender o real, então, as leituras sobre a educação infantil, o brincar, o jogo, o imaginário e outros, auxiliaram-me nas observações.

Se não tivesse uma preparação antes de observar a prática, talvez, não teria enxergado e nem valorizado as brincadeiras, o diálogo das crianças, o imaginário.

Portanto, para fazer a pesquisa foi preciso antes me preparar com muitas leituras, para depois realizar as observações. Assim, tive instrumentos para discutir com a orientadora e outros profissionais da área algumas análises e reflexões produto dos dados da realidade.

Nessa pesquisa consegui descrever o cotidiano das crianças pequenas de uma pré-escola de cultura japonesa, como também, a manifestação do

imaginário. Porém, eu não consegui ver a manifestação do imaginário que representasse a fusão das duas culturas (brasileira e japonesa), e não consegui responder todas as questões levantadas no início do trabalho. Por isso, esses pontos não observados serão estudados a serem realizados numa outra ocasião.

Nesse trabalho fiz apenas comentários sobre o cotidiano das crianças da pré-escola de cultura japonesa e a manifestação do imaginário.

As observações forneceram-me alguns dados interessantes. Uma delas foi a influência cultural que o indivíduo sofre na sua formação pessoal. Como foi visto na pesquisa, os gestos, a linguagem, o espírito solidário, trabalhar em equipe e a forma de ver o mundo dessas crianças apresentaram traços forte da cultura japonesa e brasileira. Segundo Kishimoto, "*Vygotsky já apontava nos anos 30: objetos materiais e a cultura de cada povo influenciam a forma de pensar dos seres humanos.*" (1997:67)

A adaptação das crianças nessa pré-escola tem sido tranqüila, porque o primeiro interesse despertado nelas é o brincar, depois ela vai se familiarizando com a língua e outras atividades.

Percebe-se que a pré-escola pesquisada valoriza muito o brincar.

*Andréa, você acha que essa pré-escola realmente tem alguma semelhança com a educação infantil do Japão?*

Ao ler o texto de Kishimoto (1995) sobre "A Educação Infantil no Japão", passei a observar se havia alguma semelhança com a pré-escola pesquisada. No decorrer da observação percebi que muitas características apontadas no seu texto encontravam-se no cotidiano dessa pré-escola.

A mesma autora aponta que *O novo plano curricular do Jardim, implementado em 1990, estabeleceu a educação pelo ambiente, priorizando atividades segundo as características de desenvolvimento da criança, tendo o brincar como um de seus eixos.* (1997:66)

Ainda neste mesmo texto ela diz: *a nova proposta do brincar parte da concepção holística da criança, inserida em contexto educativo, que integra 5 áreas curriculares: saúde, relações humanas, ambiente, linguagem e expressão. Tais áreas não visam à estruturação de atividades, à semelhança da escolarização, mas indicam que a criança, ao brincar, desenvolve, ao*

*mesmo tempo, a saúde, socializa-se por meio de interações com os pares, explora o ambiente que a rodeia, expressa seus pensamentos e cria formas próprias de expressão.*(1997:67)

A proposta pedagógica da pré - escola analisada, segundo as minhas observações, é ensinar as crianças através das brincadeiras, primeiro elas brincam para depois realizarem outras tarefas. Ou seja, é através das brincadeiras que as crianças vão aprendendo a organizar o seu material, preservar o material da instituição ,como também, do colega, ter respeito com o outro, adquirir responsabilidades, expressar com facilidade as sua idéias, aprender a defender, tomar decisão, ser solidário, trabalhar em equipe, e assim vai conhecendo e aprendendo também, a língua, e os costumes da cultura japonesa e brasileira.

Além de brincadeiras tradicionais, essa instituição procura também propor atividades com sucata, com os elementos do ambiente como semente de coquinho, folhas, galhos...etc, propondo confecção de brinquedos.

Seguindo o texto de Kishimoto, *A política pública de educação infantil vem, desde 1990, destacando o brincar : **Atingir as metas da educação por meio de uma educação pelo brinquedo** (Japanese Government Policies in Education, Science and Culture, 1994, p.56).*(1997:67)

Portanto, ao analisar as atividades propostas na pré-escola observada, pode-se concluir que há uma grande semelhança com a proposta da educação infantil do Japão.

Um outro ponto observado é a presença da idéia de solidariedade, trabalho em equipe nas atividades cotidianas da pré-escola. As crianças com o tempo aprendem que é preciso ajudar o outro, por exemplo, as crianças que terminam as atividades ajudam aquelas que não terminaram. Na hora de ir embora, há uma ajuda mútua para arrumar os materiais, e isso gera um tumulto, porque os meninos e as meninas competem para ver quem guarda mais rápido o material. Para isso, elas gritam, chamam os colegas, formam torcida ao redor do armário.

Esse fato também é mencionado no texto de Kishimoto: *a valorização do coletivo parece estar relacionada à nostalgia dos tempos de inserção da criança na grande família. Hoje, a família nuclear, com poucos filhos, parece conduzir à estratégia de classes numerosas como forma de combater o que os*

*japoneses entendem ser o espírito individualista da conduta ocidental. Divergindo de padrões americanos e europeus, que propõem critérios de qualidade baseados na relação entre adulto e criança, os japoneses consideram a interação da criança em grandes agrupamentos como a forma de adequada para o desenvolvimento infantil. Apreciam atitudes como deixar o pré - escolar ser criança, fazer barulho, criando um ambiente propício para que aprenda a viver em grupo, especialmente em classes numerosas.(1997:71)*

Foi observado que as crianças durante a hora de escovar os dentes, nas brincadeiras com cartas, jogos de futebol, basquete e outras tarefas, elas criam regras e normas para poderem realizar as atividades em grupo.

*-Será que quando elas ditam as regras estão copiando as normas do adulto?*

Uma pergunta que não estarei respondendo nesse momento, mas que será abordado em uma outra ocasião.

Os professores da pré-escola pesquisada usam muito o termo **gambarimashō**<sup>20</sup> para incentivar as crianças nas atividades, em brincadeiras, jogos...etc.

Kishimoto diz que *É comum entre professores e diretores o uso do termo gambaru para indicar treino e esforço. As crianças comentam: Amanhã vamos "gambaru" (esforçar) no canto da construção<sup>21</sup>. Tal prática não ocorre apenas no interior da escola mas em todos os campos de atividade, integrando-se na cultura japonesa. Jogadores de futebol ou beisebol dizem que vão "gambaru" para ganhar; assalariados comentam que nesse ano sua firma foi bem-sucedida porque todos se esforçaram (gambarimashita); as mães não se cansam de recomendar aos filhos gambaru nos estudos..(1997:83)*

Para Singleton(1993), *gambaru representa a filosofia de aprendizagem cultural dos japoneses. É como um elemento do currículo oculto em que professores, pais e a comunidade em geral estimulam as crianças a esforçar-se, persistir, fazer o melhor possível.(apud Kishimoto1997:84)*

Portanto, **Gambaru** nas brincadeiras significa usar experiência, interesse e esforço, procurando relações com a coletividade e a sociedade,

<sup>20</sup> Gambarimashō significa vamos ter garra, força, esforço, determinação ao realizar algumas atividades.

*levando a criança a aprender coisas que faz por si mesma, à semelhança do learning by doing deweyano. (idem:84)*

Em uma entrevista com a professora Tizuko Kishimoto da F.E.U.S.P ela levantou uma questão: existe a possibilidade de haver uma manifestação da fusão das duas culturas nas crianças nikkeis, ou seja, na mistura das duas culturas pode surgir uma outra cultura?

No capítulo "Parquinho um espaço esquecido pelos adultos" descrevi alguns momentos que parecem ocorrer a fusão das duas culturas. Uma delas foi aquele momento que as crianças brincam de feitiçaria fantasiados de índios, a folha que se transformou em jacaré e o jogo de futebol são elementos da cultura brasileira e não da cultura japonesa.

Acho que para conhecer mais sobre esses dados precisarei de mais tempo e estudo. Enfim, estou sentindo que não é tão simples como havia suposto.

*-Será que é tão determinante a influência cultural que a criança sofre em seu meio?*

Durante as observações percebi que às vezes as crianças ao falarem em japonês fazem gestos provindos da cultura brasileira, ou seja, há crianças que falam a língua japonesa do jeito brasileiro espontâneo, aberto, escandaloso<sup>22</sup>. Mas acho que a fusão das duas culturas não ocorre a toda hora nem com todas as crianças.

Outro ponto a ser questionado é a ambigüidade presente nas culturas, particularmente na cultura japonesa, ou seja, o imaginário, a liberdade de expressão das crianças são valorizados pelos japoneses, no entanto, exige-se dessas crianças disciplina rígida, obediência às regras, podendo torná-las fechadas e inseguras.

*Como isso é visto pelos educadores japoneses?*

São questões que valem uma atenção especial, mas creio que nesse estudo não haverá dados suficiente para estar confirmando ou rejeitando a hipótese, de que a fusão das duas culturas aparece nas manifestações do

<sup>21</sup> Observações de crianças de 4 a 5 anos, no salão do jardim de infância anexo à Universidade Gakuguei Daigaku, preferido para brincadeiras de construção com objetos de grande porte.

<sup>22</sup> Os nikkeis usam o termo escandaloso para referir as pessoas que falam e riem alto, extravagante.

imaginário. Porém poderemos refletir quanto aos dados observados para mais tarde estarmos realizando outros estudos e análises mais profundas.

Enfim, eu procurei pesquisar uma pré-escola de cultura japonesa para ver como era o ensino, se era um ensino que segue a proposta do Japão, ou um ensino que apenas ensina a língua japonesa e segue a proposta de ensino brasileiro.

Após 80 dias de observações, entrevistas com a diretora da pré-escola, discussões com a orientadora e reflexões acabei chegando a uma resposta, de que essa pré-escola realmente procura adaptar a proposta de ensino da educação japonesa à educação no Brasil.

Portanto, a meta dessa instituição é ensinar as crianças através das brincadeiras, dando-lhes espaço para brincar, imaginar e construir o conhecimento, a cultura infantil.

Em relação ao imaginário foi observado que ele se manifesta tanto nas atividades dirigidas como nas não dirigidas. Isto é, as atividades dirigidas são as atividades com o origami, confecção de sucata, manuseio da massa de modelar, peças de montar (Lego, Blocos Lógicos) entre outras. Essas brincadeiras foram propostas por mim com o intuito de observar a manifestação do imaginário.

Mas o mais interessante foi observar o emergir do imaginário em situações não dirigidas, ou seja, observar por acaso o imaginário nas brincadeiras das crianças. Por exemplo, a hora do lanche onde o guardanapo e os salgadinhos se transformaram em várias coisas, a hora do parquinho em que a folha se transformou em jacaré, o pneu de carro que virou uma caldeira para fazer feitiços, o momento da ginástica onde a criança dança a sua própria coreografia, nas atividades em sala quando o livro vira a boneca, a porta do armário que transforma em porta de uma casa, o lápis que vira avião, arma...enfim um mundo imaginário.

Essas observações forneceram elementos para mostrar que "tudo" se transforma na mão da criança, todo objeto que fizer parte de uma brincadeira evoca o imaginário.

Bandet & Sarazanas dizem: *Para a criança que brinca, ser ela a única ação sobre o brinquedo, retira-lhe o interesse na brincadeira: tem necessidade*

*de estabelecer todo um conjunto de situações vivas entre diferentes momentos da brincadeira : tem necessidade de imaginar.(1973:56)*

Essa necessidade de imaginar que existe nas crianças tem que ser respeitada e valorizada pelo adulto, principalmente pelo professor. A cada manifestação do imaginário observado na pesquisa, observa-se os momentos de liberdade para brincar e de se expressar, além disso nota-se também, representada nesse imaginário.

Por exemplo, a menina que transformou o livro numa boneca, o lápis que vira avião são situações universais, agora o origami, o salgadinho, o guardanapo que se transformam em várias coisas é uma situação comum em outras culturas?

Imaginar que a areia é uma chuva, que a folha é um jacaré, que a pedra é um avião, que o pneu é um barco ou uma caldeira, correr solto pelo parquinho se transformando em heróis, soldados, rolar pela areia como se estivessem na cama ou ficar deitado por um bom tempo no chão, brincar com a água...

Esses momentos devem ser ignorado pelo adulto (professor), ou este adulto deve se envolver no imaginário da criança?

Segundo Izabel Alves Costa em **Teatro de Marionetes Arte do Duplo: Imaginar é deixar-se acordar, levar, pela ressonância afetiva que o mundo os outros, as coisas, as idéias, desperta em nós...para uma pedagogia da imaginação. (...) Educar no sentido do desenvolvimento do imaginário exige que o educador vá encontrando pontos de partida que não estejam em continuidade com o que a criança sabe pela sua razão ou conhece perceptivamente mas, pelo contrário estejam em ruptura com eles. Só encontrando estes pontos de partida aos quais as categorias lógicas e perceptivas parecem não se ajustar, é que o educador levará a criança a buscar e a descobrir que há formas de olhar, de compreender, de falar do real. (1992:12)**

Enfim, gostaria de estar discutindo outros vários pontos, mas me restringirei até aqui. Espero com esse trabalho ter os atraído para refletirem comigo o direito que as crianças tem de brincar.

Essa pré-escola me mostrou que é possível realizar muitas coisas na infância, as crianças aprendem num ambiente que se fala duas línguas ao

mesmo tempo, brincam de várias formas, vários desafios são propostas para o seu crescimento, e o brincar, o imaginar "corre solto" em vários espaços dessa pré-escola.

Vamos juntos com outras pesquisadoras e defensoras do direito à infância, do direito de brincar, preservar o espaço para muitas brincadeiras e muita imaginação para nossas crianças.

Enfim, não pretendo fechar esse tema com uma conclusão, pelo contrário, quero deixar em aberto para continuar estudando e pesquisando o imaginário na educação infantil, como também, a educação infantil de outras culturas como a italiana, chinesa, alemã, indígena...etc. Desta forma, poder trocar, compartilhar e ampliar os conhecimentos e estudos em favor das crianças pequenas.

Além desses dados, essa pesquisa me forneceu uma experiência muito rica como professora e pesquisadora. Não foi fácil analisar a minha prática e descreve-la nesse trabalho, afinal foi uma primeira experiência. Espero que em outras pesquisas eu possa apresentar a vocês leitores um trabalho de uma "pesquisadora mais experiente".

Até a próxima!

**BIBLIOGRAFIA CONSULTADA.**

- ABRAMOVICH, Fanny. **O estranho mundo que se mostra às crianças.** São Paulo : Summus, 1983.
- ALMEIDA, Elvira. **Arte lúdica.** São Paulo : Edusp, 1997.
- ALMEIDA, Milton. J. Educação e Cultura, Linguagem e cultura na Moderna Sociedade Oral de Imagem e Som. **Idéias.** São Paulo : FDE, nº23, p.67-71, 1994.
- BENJAMIN, Walter. História Cultural do Brinquedo. In **Obras Escolhidas, Magia e Técnica, Arte e Política.** 6º edição. São Paulo : Brasiliense, 1993. p.244-253
- BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e cultura.** São Paulo : Cortez, 1995.
- CHATEAU, Jean. **O jogo e a criança.** 2ª edição. São Paulo : Summus, 1987.
- CONHOLATO, Maria (org) e outros. O Jogo e a Construção do Conhecimento na Pré- Escola. **Idéias** São Paulo : nº 10, p.7-128, 1992.
- CONSTANCE, Kami. **A criança e o número.** 10ª edição. São Paulo : Papyrus. 1989.
- CUNHA, Maria Helena Lisboa. **Espaço real, Espaço imaginário.** São Paulo : Numem. 1991.
- DEMO, Pedro. **Metodologia Científica em Ciências Sociais.** São Paulo : Atlas, 1980.
- DURAND, Gilbert. **A Imaginação Simbólica.** São Paulo : Cultrix, 1988.
- FARIA, Ana Lúcia G. Origens da Rede Pública Municipal de Educação Infantil na cidade de São Paulo. **Pró-Posições.** São Paulo : v 06, nº02, p. 34-45, 1995.
- FARIA, Ana Lúcia Goulart. **Direito à Infância: Mário de Andrade e os Parques Infantis para as crianças de família operária na cidade de São Paulo (1935-1938).** São Paulo : 1993. Universidade de São Paulo. (Tese de Doutorado)
- FLORESTAN, Fernandes. **Folclore e Mudança Social na cidade de São Paulo.** 2ª edição Petrópolis : 1979.
- FRIEDMAN, Adriana. **O direito de brincar.** 3ª edição, São Paulo : Scritta, 1996.

- FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS. Catálogo de vídeos sobre a criança pequena. São Paulo : 1997. 79p.
- HUIZINGA, Johan. **Homo ludens**. São Paulo : EDUSP, 1971.
- LAGO, Dal & RONATTI, Pier Aldo. **Per Gioco**. Piccolo Manuale dell'esperienza ludica. Milano : Raffaello Cortina. 1993
- LIMA, Mayumi Souza. **A Cidade e a Criança**. São Paulo : Nobel. 1989.
- MARCONDES, Marina M. **O Brinquedo a Sucata e a Criança**. 2ª edição São Paulo : Loyola 1995.
- NINÕ, Carlos G.R. **Pressuposto para o estudo da criatividade e da criticidade comuns**. Campinas, São Paulo : Faculdade de Educação da UNICAMP, 1993. (Tese de mestrado)
- OLIVEIRA, Paulo de Sales. **O que é Brinquedo**. 2ª edição, São Paulo : Brasileira, 1989.
- \_\_\_\_\_. **Brinquedo e indústria cultural**. Rio de Janeiro : Vozes, 1986.
- OLIVEIRA, Zilma de Moraes (org). **Educação Infantil muitos olhares**. São Paulo : Cortez 1994
- PAIVA, Edras. A Barbie é ótima. **Veja**. São Paulo : p.9-11. 1996.
- PARLAGRECO, Carlo. Dicionario, Portugheze Italiano Portugheze. 4ª edição. S.P : Martins Fontes. 1988.
- PENIN, Sônia. **O cotidiano e escola**. São Paulo : Cortez, 1989.
- PIACENTINI, Telma A.(org) A Modernidade, a Infância e o Brincar. **Perspectiva** Florianópolis : ano 12, nº22, 1994.
- SANTOS, Andréa T. **Estudos da criatividade no Brasil**. Análises de teses/ dissertações em psicologia e educação ( 1970- 1993). Campinas, S.P : Faculdade de Educação da UNICAMP, 1995 (Tese de mestrado).
- SNYDERS, George. **Alunos Felizes**. São Paulo : Paz e Terra, 1993.
- \_\_\_\_\_. **Alegria na Escola**. São Paulo : Manole, 1988.
- ROSSI, Luciane. **A Expressão Lúdica e a Educação Infantil**. Campinas, São Paulo : Faculdade de Educação da UNICAMP, 1996. (Trabalho de Conclusão de Curso).
- TEBEROSKY, Ana & CARDOSO Beatriz. **Reflexões sobre o ensino da leitura e da escrita**. 2ª edição. São Paulo : Unicamp, 1990.
- THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa**. São Paulo : Cortez, 1986.
- \_\_\_\_\_. **Introdução a metodologia da ciência**. São Paulo : Atlas, 1985.

- GHEDINI, Patriza Orsola. Entre a experiência e os novos projetos: a situação da creche na Itália. ROSEMBERG & CAMPOS (org) **Creches e Pré-escola no Hemisfério Norte**. São Paulo : Cortez, 1994. p.189-209
- GIDE, André. La porte étroite. In BENJAMIN, Walter. **A criança o Brinquedo a Educação**. São Paulo : Summus, 1984, p.43-46.
- HELD, Jacqueline. **O Imaginário no Poder**. São Paulo : Summus, 1980.
- KAWAMURA, Lili. O Processo Educativo dos Brasileiros no Japão. **Pró-Posições**. São Paulo : v 06, nº 02, p. 64-84,1995.
- KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **O jogo e a educação infantil**. São Paulo : Pioneira, 1994.
- \_\_\_\_\_. A Educação Infantil no Japão. **Cadernos CEDES** Campinas, São Paulo : nº 37, p.23-43, 1995.
- \_\_\_\_\_(org). **Jogo, Brinquedo, Brincadeira e a Educação**. São Paulo : Cortez. 1996.
- \_\_\_\_\_. **Jogos Tradicionais Infantis**. Rio de Janeiro : Vozes, 1995.
- \_\_\_\_\_. O jogo e a educação infantil. **Pró-Posições**. Campinas : v.06, nº 02, p. 46-63, 1995.
- \_\_\_\_\_. Brinquedo e brincadeira na educação infantil japonesa: Proposta Curricular dos anos 90. **Educação & Sociedade**. Campinas : nº 60, p. 64-90, 1997.
- LIMA, Elvira C. de Azevedo. A atividade da criança na idade pré - escolar. CONHOLATO, Maria (org) O jogo e a construção do conhecimento. **Idéias** São Paulo : nº10 , p.17-23, 1992.
- LUDKE, Menga e ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo : EPU, 1986.
- MARCELINO, Nelson Carvalho. **Pedagogia da Animação**. São Paulo : Papyrus, 1990.
- Minna no Uta**. São Paulo : Associação Cultural Japonesa de São Paulo 1993.
- OLIVEIRA, Paulo Salles. A Criação do Imaginário nos Brinquedos Infantis. **Ciências do Esporte**. Campinas ; Unijuí, V.12, nº 1,2,3, p.285-288, 1992.
- Revista Infantil Japonesa Hankachi-Asobi**. Japan : N°04, 1991.